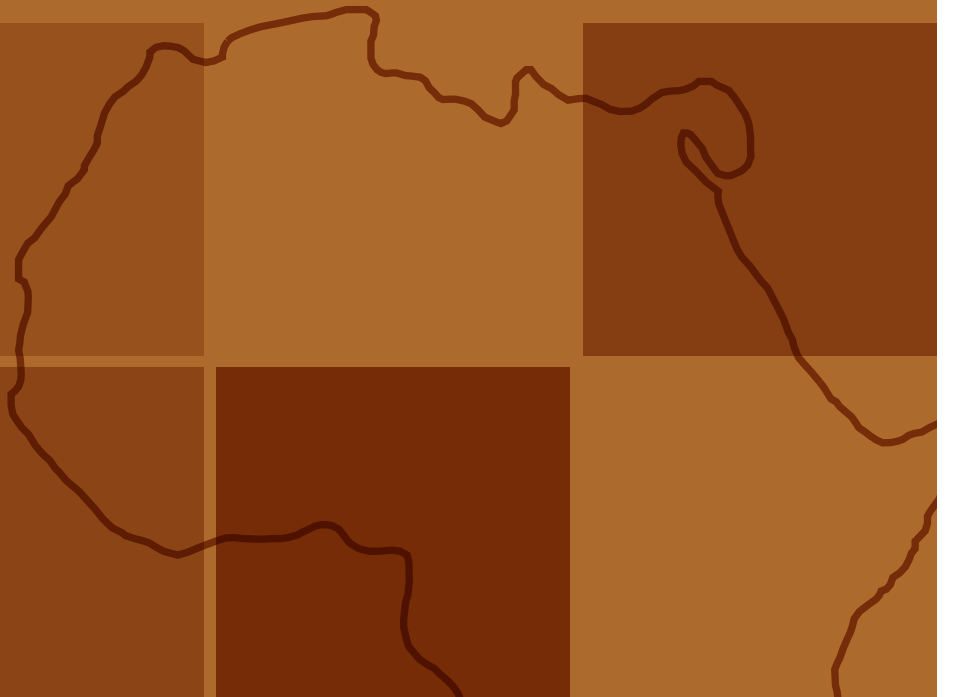




TEXTOS E VERSÕES



BIJAGÓS E NÓS **O QUE CONSEGUIMOS FAZER JUNTOS**

A N A B E L A M E N D E S
Direcção e coordenação.

A
nico e pessoal na realização deste documento.

C - C



Adé, menino balanta a viver com os Bijagós, à guarda do Rei da tabanka de Ambacanã, ilha de Galinhas, Fev. 2022. Foto de Anabela Mendes

Que este reconhecimento seja o primeiro de muitos passos na caminhada para a preservação da riqueza e a promoção do bem-estar daqueles que são os verdadeiros obreiros: a população.

ABDULAF SILA

1 P U A é B ó S G é - B

BIJAGÓS – UMA ETNIA DO PERSISTIR E DO PREVALECER O QUE PODEREMOS FAZER JUNTOS

Anabela Mendes

1 Dirige-se este projecto a quem possa acreditar que existe no território da Guiné-B

A f é , -
sobrevivência - o *persistir* - e se inspira desde há milhares de anos em antiquíssima religião animista, na qual estão presentes princípios de orientação comunitária que privilegiam os sistemas matriarcal e matrilinear. À religião está ainda associada uma organização social por etapas de vida (diferente para homens e mulheres) e implícita uma cultura que integra o viver quotidiano nas manifestações artísticas que englobam canto, música, dança e formas variadas de artesanato localizadas.²

É dos povos que habitam a África ocidental, que se projecta a ritualização quotidiana que encontra a dimensão de *prevalência* dos fundamentos essenciais do viver homeostático e porventura o menos evidente³.

A *persistência* e *prevalência* determinam em conjunto um campo investigativo e gerador de experiência artística que pode vir a enriquecer quem manifeste interesse por um projecto que tem como alvo a criação artística para o teatro,

Este povo que é de uma singularidade inexcelsível no modo como estabelece relação entre ancestralidade e contemporaneidade, atribuindo à compreensão do presente o elo que liga estas duas instâncias num sentido geral de regulação e equilíbrio existenciais, será envolvido na perspectiva do que poderemos fazer juntos.

2. A f çã
10 25 J 2019 (1ª f) -
res-artistas e para mim própria.

P com a intenção de podermos comprovar através das nossas observações e contactos que o seu modo de vida podia ser entendido à luz do discurso e pensamento de

A ó D á ,
: « A
à natureza e aprofunda a humanização do processo cultural. Uma tal ligação contraria o crescente afastamento que separa as ideias, as práticas e os objectos culturais, do
» (D á , 2017: 17)

F B O . Q

2 V ó
S *Intervenção sobre Artesanato, Dança e Cantiga Bijagó*, Lisboa: Instituto Marquês de Valle
Flôr. h : // . i f . g / - c e / a d / 2017 / 12 / e

3 A ó D *A Estranha Ordem das Coisas – A vida, os sentimentos e as culturas humanas*,
L : T D | C í L , . 4 2

este criava convivialidade com outras religiões: católica, muçulmana, evangélica. Fomos sensíveis a relatos sobre o *cadjigue*, o *fanado* (prática de excisão nas meninas e de sevícias corporais nos rapazes) ou o *paga garandessa* -
ção iniciática e ritualística moldado a partir de classes de idade para ambos os sexos.

Em duas semanas não conseguimos ir muito a fundo nos propósitos que nos haviam
turística surpreendeu os autóctones e levou algum tempo a convencê-los sobre as razões

P
N
B
A
S
A
B
M
C
B
á
ó
F
é
P
á

tografou e realizou registo em vídeo de máscaras, figurinos, instrumentos musicais e
cozinhando e aprendendo sobre ingredientes culinários locais ao lado dos jovens rapazes
uma semana antes do previsto para não perder o seu emprego como cozinheira.

Eu, como mentora do projecto, dediquei o meu tempo a observar tudo o que me ro-
Fotografei e escrevi⁴. E
tamentos quotidianos no exercício da prática artística. Este é um domínio que ainda se

bratórias de mulheres a mimetização dos movimentos de aves em busca de alimento no
oceano constitui o fulcro da coreografia. No caso dos homens, a actividade piscatória,
mas também a agrícola fornecem não só os adereços com que eles se cobrem para
dançar como, no caso da pesca artesanal, o desenho de movimento dos corpos recupera
a prática diária desse tipo de pesca.

A
práticas de sobrevivência e a profunda e íntima relação com o mundo natural animizado
encontramos poucos exemplos de comunidades como as que integram esta etnia e que

que acentua a componente matriarcal de organização da sociedade e de distribuição de
tarefas que estejam relacionadas com tomadas de decisão individual e colectiva encontra

V
& N
M
Os Escultores dos Espíritos,
programa cultural da Gulbenkian Próximo Futuro
2014, 54
2014
L
f

ê
a soberana dá conselhos importantes em relação a como gerir a comunidade, antes de
se fazer ao mar e desaparecer para sempre.

3. N 2^a
B
F

4 Produzi um texto intitulado *And they were again*, C ó E
E F f , FLUL, UNL, 7. 2. 2019.

O sistema matrilíneo é o sistema matriarcal e matrilinear puro, uma vez que a rainha é eleita pelas Okinkas, i. cargo até ao fim da vida, devendo por isso abandonar a família em definitivo. O exercício as populações das tabancas, também elas governadas por uma rainha que passa testemunho do exercício de poder à sua filha mais velha e que, ao contrário do que continua a existir a prática do *fanado*, um ritual de iniciação da vida adulta e de entrada no cortejo todos os anos.

O meu contributo consistiu em acompanhar e fazer todos os participantes e prover exercício experimental.

terminou à mesa farta, reunindo habitantes de várias aldeias, foi a maior lição comunitária



© Anabela Mendes, Bubaque, 17.1.2019

BIJAGÓS – AN ETHNIC GROUP OF PERSISTENCE AND PREVAILING WHAT CAN WE DO TOGETHER?

Anabela Mendes

1. T

G - B f , - B ó -

-

(f R)
into artistic manifestations that encompass singing, music, dance, and various forms of localized crafts.

I

W A ,

essential foundations of homeostatic living and perhaps the least evident.

T

f
in a project that aims at artistic creation for theater, music, and dance based on direct

T

I

W A ,

foundations of homeostatic living and perhaps the least evident.

T

f
a project that aims at artistic creation for theater, music, and dance from direct contact

T

2. T

J f 10 25, 2019 (1 -) ,

A

" A nature and deepens the humanization of the cultural process. Such a connection cou-

" (D á , 2017: 17)

presence surprised the natives, and it took some time to convince them of the reasons

A B S B () B photographed and made video recordings of masks, costumes, musical instruments,

M B á B ó F L earlier than planned to avoid losing her job as a cook.

A I A f I

A -

N T M , 2014, 54 f B T ó S 2014. T f ' f

3 I B C T A B) H

T . P C
O
B ó
T 1 3 1 6 , 2 0 2 2 . G B
A 2
C) , S A (é J M)
M f A é J M
W
as an experimental exercise.
W B
W -

ANABELA MENDES
12-03-2026

Obras artísticas realizadas ou em realização, inspiradas pelas populações Bijagós.

Anabela Mendes – (2019)

Andrés Jurado e Maria Rojas – *Raça-Banana* (f)
Obra em rodagem com três jovens protagonistas bijagós. Procede-se à ligação de culturas: colombiana, guineense, portuguesa.

Carolina Campanela – SOLO – *Venturas e desventuras de uma viajante ocidental*. (peça
) T
e uma pitada de bijagó)

Mário Afonso com Moniz de Oliveira Lopes, nosso tradutor e guia local do projecto.
U f ã ç - G

Pedro Florêncio – P B (f)
O - L M B
- ã
ser o filme com a sua performatividade.

E a b a c i e a g á f c a a c e e ç a
a 23 e 25/10/2025 pelas 22:00 na sala Manoel de Oliveira do cinema São Jorge.

Sara Anjo – P á é B ó . ê

Sérgio das Neves – C ó ç ã
vocal, guitarra clássica, guitarra portuguesa)

E foi assim que um arquipélago inteiro – oitenta e oito ilhas e ilhotas – na sua ma-
êficia e magnanimidade entrou para o lugar onde pernoita o deus Nindo e onde
a lua com ele mantém conversação.

Impressões e variações (Fevereiro/Março, 2022 até 2025)

Da guerra na Europa soubemos vagamente através da internet apanhada numa ár-
vore de cola. Pouco ou nada mudou ainda no quotidiano dos artistas e muito menos no

convivem milhares de porcos ao lado dos quais comíamos o pequeno almoço e as outras
ç õ , N f

A
nome de uma defunta, e o abastecimento de víveres terminou muito rapidamente. Já
ã ç ã B

Houve quem emagrecesse. Eu inchei como um sapo e mal me podia mexer. Pernas
e pés pareciam dois trambolhos. Só na água salgada me sentia bem, embora as marés
variassem muito e nem sempre fosse possível nadar em águas livres.

C á L f -
didos a experiência fresca, sem saberem ainda bem do seu proveito. Já nessa altura
eu tinha a absoluta certeza de que os frutos caíam de maduros das árvores, assim os
deixassem a abrir e a crescer no tempo certo e com amor.

O que de bom aconteceu e que correspondeu prioritariamente à nossa integração na
tabanka, a muitos níveis, foi de tal modo inexplicável que nos surpreendeu. Houve até
quem aprendesse frases em crioulo e bijagó para curtos diálogos ao romper da manhã

E talvez tenha sido por isso que a nossa partida, ontem de manhã, trouxe toda a ta-
banka à praia para se despedir de nós. E eram centenas e centenas de pessoas. Imensas
ç á C
e todos chorámos. Já no mar víamos os braços a acenar até se perderem no meio das
ondas e dos saltos dentro da lancha.

P á f í G
dos Porcos, e que começou com uma recepção cerimonial protagonizada pelo régulo
(em algumas ilhas chama-se rei) e que é a pessoa hierarquicamente mais importante
da comunidade. Fomos convidados a entrar na sua palhota e ele celebrou um ritual de
boas-vindas para nós, mexendo em paus e panos, dirigindo-se aos céus, onde vive o
deus Nindo. Felizmente não cortou o pescoço a nenhuma galinha, acto comum a outras
ç õ . A - ã á í

Sem então sabermos o que isso era, não pudemos dar resposta. O nosso guia e amigo
a alegrar os períodos de descanso da maior parte dos elementos do nosso grupo. Fui
mesmo gosto a essa bebida.

1984. O

os obrigava a andar sempre curvados. Em cima viviam os guardas de modo principesco
então várias pacientes com crianças.

Vá <https://www.orangohotel.com/pt-pt/hotel/>

Quisemos informar-nos também sobre o trabalho de tecelagem feito por homens,
de um turismo ecológico local. Fora estas saídas comuns cada um esteve mais ou me-
nos por sua conta.

observar do meu lugar cativo debaixo de uma calabaceira. À noite e até de madrugada
os artistas dançavam com a população. Retirei-me sempre destas andanças devido à
Dancei no dia da chegada com as mulheres que me puseram nas ancas uma saia de
(comia-se e bebia-se em abundância) marcava claramente a presença de uma outra
cultura. Dominava a boa disposição.

o Sérgio, esteve com a cantadeira e dançarina Domingas (uma mulher surpreendente) e
com as suas companheiras que cantaram e dançaram para nós durante quase três horas
ções pela defunta, na casa da própria e com os seus familiares. Um dos coreógrafos, o
Má

era escrever um monólogo sobre a tabanka de Galinhas, encená-lo e representá-lo.

Nós, as mulheres, participámos numa celebração nocturna pela fertilidade, no interior
nos mais uma vez o guia. Eu tive vários encontros com a rainha, coisa simples, porque o
energia. Ofereci-lhe lenços e panos de que ela muito gostou e que passou a usar.

centenas de livros, materiais escolares e brinquedos, para uma sessão pública com

professores e director da escola (evangélica), régulo, rainha, familiares das crianças e crianças. Uma verdadeira festa de som e movimento.

D à R á N G
F G G
T á
E ç õ ó
que supervisionava o Orango Parque Hotel, como antes exposto, para que ela viesse a
B ó - U
ç õ O
ã L -

reformou-se e veio para Portugal.

F A
almoço nos jardins da casa deles. Não esqueço essa prolongada tarde cheia de pássaros
f A

A A í B
A â , é
pela organização social e religiosa daquele povo que é tradicionalmente animista, poden-
do manifestar, no entanto, a sua convicção por outra religião ao mesmo tempo (católica,
é , â) . A ã

A í
decidir sobre coisas importantes é ao lado dos homens mais velhos (incluindo o régulo)
e o grupo dos jovens. Há, julgo, um certo entendimento de democracia, embora ela não
seja comparável ao exercício da democracia no ocidente.

O povo bijagó vive em paz.

A ç ã U â â E
da guerra e sem parar. Somos uns tristes seres comparados com os porcos.

Nota de rodapé – efeito parasita

D L
é . Nã í , ã
de enfermagem aqui no bairro e fui sujeita a uma intervenção cirúrgica a frio que me
ô A ç
cabecinha preta rodeada de um círculo amarelo deu meio metro de ovos e larvas e
exigiu tratamento diário durante oito dias. Fiquei bem, mas precisei de uma explicação
mais informada para além de cortes e raspagens.

C
M E E
sempre a caminho da enfermaria com a mesma queixa que eu tivera.

E f ã ?
E : O - B
Á é B , E
emigrar como clandestino. Por vezes é preciso arrancar as unhas ao paciente e o pa-

rasita até pode ir parar ao sangue. Felizmente não foi o caso. De repente lembrei-me com uma espécie de agulha vistoriava pé a pé.

A traço largo

l á 2018. E
á
f
B B -
até então nos era desconhecido.

A B O P
contacto com a população local de forma muito limitada. Durante essa estadia de duas
J F 2019,
manter conversação em português com dono de estrutura hoteleira muito simples e,
P F ê - P B
pescadores da ilha que mantiveram, sobretudo com o Pedro, uma relação familiar e
cúmplice. Dessa experiência de duas semanas resultou ainda a escrita de um texto
meu de observação e vivências – E eram novamente... – sobre cultura e artes do povo
B ó, ó L

ANABELA MENDES
2022 - 2025

“Projecto Bijagós – Uma etnia homeostática”

E
E ç : M í
f A ó S ã
ã B ó É é é á
despercebida e só quem bem a conhece a procura. Da sua casca nascem saias para
D f -
f
A ó
f é - O ã
N A ó ã
e airosas dão forma ao corpo das virgens que dançam nuas da cintura para cima. Suas
irmãs já experientes na arte da vida, usam saias de égampé até ao joelho e cobrem os
seios com faixas de pano tecidas por elas. E o que dançam estas mulheres? Danças
C N G é - B à Ç

até chegarem à capital. Os bailarinos, todos eles, homens e mulheres, são sempre muito
 E S M ã - é ó
 valentia salvaram-nos da subalternidade. Egampé, quem diria, enlaça as negras bijagós
 A é í A ó

ANABELA MENDES
 02-09-2019



*Dia de pesca, Bubaque, Bruce, Fev. de 2019
 Foto de Anabela Mendes*

E eram novamente...

1". P L á B B A ã
 ã , f - à ú á
 de buracos, e que atravessa a ilha de norte a sul, deixámo-nos zurzir pelos mosquitos,
 á A â
 mantendo a esperança de que um pontinho no telemóvel permitisse, em rede local,
 avisar Luigi Scantamburlo da nossa chegada.

Este é o homem que a Santa Sé enviou como missionário, há mais de quatro déca-
 A é B

local.⁵ O padre Luigi é um peculiar bijagó, pois realizou como os autóctones continuam a realizar os ritos de passagem masculinos – o chamado Fanado – e adquiriu um altar para celebrações. Luigi Scantamburlo parece ser um cumpridor missionário à luz da Igreja de Roma, tem realizado valioso serviço a Deus e ao mesmo tempo integra uma cultura animista, ritualista e de fundamentação matrilinear. Este é também o homem

deixara de se dizer que a religião tradicional africana é animista.» Estranha resposta esta que quase parece querer abafar aquilo que está à vista: Luigi Scantamburlo é um homem de duas fés em concomitância.

No dia em que fomos à missa, deparámo-nos exactamente com a duplicidade do que aí

igreja transformava-se num espaço de pré-publicitação e debate, mesmo sem se saber ao

a vantagem deste estado de duplicidade religiosa e tribal esteja no acesso à educação, nem sempre no acesso à saúde, e muito menos ainda no exercício da democracia.

abriu e prosseguiu com um coro de vozes de crianças, acompanhadas por tambores, atabaques, berimbaus e pandeiros, e que na pureza e graciosidade do seu canto em língua bijagó replicou sempre, em ocasião certa, o fenómeno de adaptativo compromisso que encontráramos em Luigi Scantamburlo. Sendo para nós uma língua estranha,

pequenos golpes de cintura e dando breve tremor às nádegas, mulheres e homens optavam pela quase reserva e pelo respeito ao lugar. Não quebrámos nós também a

movimento livre no lugar onde eram cerimónia esmagou-nos de prazer. Que sagrado era aquele que se diluía em duas culturas, sociedades e religiões tão distintas criando entre elas um efeito de proximidade que nos parecia tão inabitual? Quisemos falar com o padre Luigi Scantamburlo após a missa. Procurámo-lo em todos os lugares possíveis. O divino Espírito Santo e o panteísmo animista de uma certa natureza divina haviam-no

em direcção a uma etnia que, não tendo sido escravizada durante todo o período co-

distância mediada entre continente e arquipélago, e dela tirando o máximo proveito

⁵ C A M í G é - B Q á f B ó .

No acto de repetir fomenta-se ainda a contrapartida que os mais novos continuam a querer oferecer aos mais velhos. Os seus corpos marcados para sempre pelo ritual do fanado são a mediação visível entre passado e futuro. E se ser velho é ser sábio, ser jovem é apreender essa sabedoria. E tanto para homens como para mulheres esse é o lugar do inalcançável, essa é a condição mais elevada da sua vida terrena e insuspeita. E aqui revelam-se mais fortes do que nunca aqueles sentimentos que fazem falar o míticas coincidências enquanto verdadeiras expressões de vida.

3. E B B A í
M B á B E
delas se pode dar a ver a estranhos. Ocultas estão as partes que celebram o sagrado.

M é -
os homens aguardam. São elas que dirigem a dança aceitando dos homens os jogos sedutores. Uma espargata masculina invoca uma disponibilidade para o casamento, se bem que caiba à mulher a escolha derradeira.

E ç f
dançam sobre um algodão branco coberto de estrelas reluzentes. E dançam ao som de atabaques, kpanlogos (espécie de tambor originário do Gana) e um pesado tambor colocado na horizontal, de som cavo, que precisa de quatro homens para ser transportado. Há uma espécie de mestre-de-cerimónias que orienta entradas e saídas mantendo sob olhar atento os dançarinos.

A f É é (á -
bém usada em tamanho longo para a celebração aos defuntos. Os homens transportam sobre o baixo-ventre os amuletos de protecção recebidos nas várias fases do fanado.

Os corpos de todos estes bailarinos são atléticos, bem ritmados e mantêm uma ê
dança de repetição, recuperando a ciclicidade da sua cultura que mal se destrinça das ç õ E -

res decorativos de que esta dança é exemplo. Sobre as cabeças de todos, homens e mulheres, navegam simulacros em madeira dos peixes que o oceano dá. Do tubarão à tainha, passando pela garoupa listrada estão à vista as fainas que a todos envolvem: eles pescam, elas preparam o peixe para a refeição. Neste gesto visualmente tão peculiar e que nos dá a ver no ser humano o ser humano-peixe se apresentam em conjunto

ç B ó .
O M M á B
isso for possível, talvez possa vir a integrar depois o cortejo carnavalesco, a represen- ç ã G é - B

Para esta demanda fomos conduzidos por uma vontade de investigação independente. Inspirámo-nos em algumas leituras, que se têm vindo, entretanto, a acrescentar, e quisemos testar ao vivo a nossa capacidade intuitiva de chegarmos a um lugar que fosse diverso de outros lugares e onde suspeitávamos que a Natureza ainda é parte integrante do viver das populações e o orienta nas suas necessidades e vontades.

M B <https://vimeo.com/1127169816?share=copy>

M B <https://vimeo.com/1127171032?share=copy>

T -

é -

nossos contemporâneos e como nós fazemos parte do modelo biológico e evolucionista

dissidências de vida nos seus quotidianos, existem valores e princípios que para eles são intocáveis e insubstituíveis. Que tudo tenha uma alma, mesmo uma simples pedra, ajuda a compreender a bondade intrínseca que os inspira. No fundo, mesmo geminados,

outras colaborações já seladas pela palavra e pela amizade. Por exemplo, na área da partir das danças originais. Uma investigação sobre têxteis e performance que consi-

futebolista determinado em se fazer ao mundo.

tradutibilidade particular que não conhecemos em outros países africanos nem em outras partes do Planeta.

ANABELA MENDES
MARÇO DE 2019

Bijagós e Nós

de diferentes línguas que deixámos de escutar há muito tempo. Já não era uma insistia em ajustar-se a lentas evoluções, tendo-se alargado o seu interesse, apesar de tudo, a mais pessoas e passando a sua actividade a ser experimentada por outras artes.

Sete artistas começaram a imaginar subprojectos nas áreas do teatro, dança, canto e

2022, por duas semanas. Passámos um surpreendente dia em Orango. Faltámos ao almoço comunitário em Galinhas que encerrava as celebrações e rituais pela morte da defunta.

Esta viagem teve, para todos os participantes, dois objectivos prioritários: criar pro-

ral sem complexidade, procurando atribuir a essa capacidade (passar uma mensagem simples) o desejo de comunicar com outros com verdade. Em ambos os casos tratou-se

Estabelecemos contacto diário com a população nativa, o que permitiu bom rela-

de pessoas naturais da ilha, mas que vivem em diáspora, entre Lisboa e Galinhas, e que organizaram para nós diversas possibilidades de apoio. Sem este apoio teríamos sucumbido, digo eu de forma exagerada. Fomos alojados em moradas de família de

de mulheres e homens, muitas crianças também, que nunca nos deixaram desamparados. O acompanhamento prestado. Ficámos amigos. A progressiva e à medida que a aproximação entre os dois povos acontecia.



Festejos carnavalescos. Os gigantones são feitos pelas crianças. Tabanka de Ambacanã, ilha de Galinhas, Fev. 2022, Foto de Anabela Mendes

Seguiram na altura, em direcção a Galinhas e em contentor por barco, várias caixas entregámos às suas famílias à nossa chegada. Esta acção foi desenvolvida durante 1.º

Propuseram-se os artistas desenvolver cada subprojecto através de observação e contemplação de uma realidade que nos é estranha a vários níveis. Os livros e os sentidos em Galinhas terá sido, por ventura, também um elemento perturbador para que qualquer experiência futura possa ser positiva. Quem nos aguardava revelou alegria em nos receber.

Perante o desinteresse generalizado e sobretudo institucional que não desejou acolher-nos - teatro em aldeia com coreto agregado a associação artística - que abriram as suas portas com espanto ao projecto conjunto, pudemos em relação a este povo e à sua história de vivência com o mundo natural, que os protege e lhes dá ânimo, pudemos entender que

o sentimento de humanidade que em todos, eles e nós, se manifestava de forma plena.

Foi com grande alegria e sentido de responsabilidade que assegurei todas as despesas entre a partida de Lisboa e o regresso à capital portuguesa nas duas etapas.

ANABELA MENDES
10-09-2025



Com a rainha de Abancanã, Ilha de Galinhas, Fevereiro de 2022.

Foto de Mário Afonso

Anabela Mendes (1951) é U L A 2018
D A ã , E é F f A í f í
A P , V L C ê
B . R í C
(G é - B ç ã ,) , " B ó - U
" . P , E

D A P ; " D " , á ç ã A
E í E J " , : A
C , C G M , F L U L . C
M C , R P , K Z R (J
L , G P C G , F L , S
A P S ü , J ã G , A C A R T E
" N S A " , W K M ñ ,
mares já há muito navegados", texto cénico original, de minha autoria, com Sandra Hung
R ó P O C J F 2 5 2 6
P R ú P P C , P

ANDRÉS JURADO E MARIA ROJAS ARIAS

Cineastas, produtores

<https://lavulcanizadora.com/es/about>

PROJECTO

R ç B (F)

SINOPSE

T ê I B G Ó (I D G

diz que o seu povo é raça banana, porque quando se arranca uma bananeira, outra há

visita guiada por uma das histórias de liberdade e resistência que renasceram do outro
A â .



Notas filmicas por Maria Rojas en Sierra Leoa de Guineas Bissau

MOTIVACIÓN

Nos encontramos en esa región de África, nos hizo fabular junto con los pueblos no sean destinados a ser prisiones agrícolas o plantaciones. Sabemos que

Sé, pero felizmente, cada vez

recordamos cuándo fue la primera vez que lo escuchamos, pero felizmente, cada vez

XVI (R B) B G ó, - B
 R ç B (R B)
 é R ç B



Manuel Marques ao lado de uma Bananeira pensando, Montes de Maria.

BIOGRAFIAS

<https://lavulcanizadora.com/es/about>

ANDRÉS JURADO

Bogotá, Colômbia



A
á
L V
E R
C (2020)
31° FIDM
C (2022),
P í (2021)
72° B
D L P S (2024)
E S
f FIDM
A V UNAM - E
C M ó H í f
T C E M T -
M MA, C
Z D M U
J W T U -C
P í F ó I

A ó á T , ó U F - A
ó D , , ó
E é ó C , í M í
A é J J à 2025. M R

MARIA ROJAS ARIAS
Bogotá, Colombia



E C U T C G (2021 , B é) ,
(H N) F ó P í
A é L . B
F ú D
O , B , W , F I C V A L D I

FICCALI, J. ABRIR MONTE (2021)
D F V F

LA RABIA CINE (A) S í -
A M P í B T -
L T (2020) H C (2022), H L

Por su trabajo como cineasta ha sido invitada para dar conferencias en eventos
é í

H A (B á) P P
(L) S í
(E , A é) R L

CAROLINA CAMPANELA

Actriz, dramaturga e investigadora

SITE

<https://carolinacampanela.myportfolio.com/solo-venturas-e-desventuras-de-uma-viajante-occidental>

PROJECTO

SOLO - V D V

Promo: <https://vimeo.com/937791623?share=copy>

Ví <https://vimeo.com/938589037?share=copy>

P : 02102020

SINOPSE

U à G é - B - G
gada, a morte de uma mulher de grande importância para a comunidade desencadeia dez dias de contínuas cerimónias em sua honra. Os sacrifícios de animais e os pedidos çã lã
tudo aquilo é novidade, esforça-se por compreender os rituais e integrá-los no seu . M é -
nia do "toca-choro" que mudará irremediavelmente a relação que a jovem ocidental mantém com aquele lugar.



F f A ó D

SOBRE O ESPECTÁCULO

SOLO – V D V
- f ç ã (ê
que desembarca na ilha das Galinhas a 22 de Fevereiro de 2022 e que aí permanece

de Pétronille de Saint Rapt, o espectáculo aborda temas como o colonialismo, o racismo e o eurocentrismo latentes nas sociedades ocidentais e, por consequência lógica, na própria jovem. No monólogo dá-se a conhecer a vivência da jovem no seio de uma sociedade essencialmente matriarcal e animista que lhe é completamente desconhe-

T é f
representa para uma ocidental – sujeita por força das circunstâncias a viver um modo de vida que lhe é inorgânico, onde não existe Internet, nem electricidade e onde os

á N
comunidade que “não se fossilizou no tempo nem deve ser encarada como uma es-
ó

deve ser entendida como uma sociedade que encontra, na repetição incessante de rituais de celebração da vida e da morte, a sua razão de ser e deve, por isso, ser dada a

f ã
SOLO explora também, entre o trágico e o cómico, o belo e o horrendo, as alterações ao nível da percepção quando o ser humano é confrontado com situações extremas.

A ã é
totalmente uma realidade com a qual é profundamente difícil relacionarmo-nos e, sobretudo, integrarmos no nosso viver.



F f A ó D



F f A ó D

BIOGRAFIAS

Pétronille de Saint Rapt (Paris, França) – Encenação – Nasceu em Pau (França) em 1971.

É atriz e encenadora. Em 1999, fundou o coletivo de teatro "Mère" em Paris, apresentando espetáculos, com textos contemporâneos, apresentados em Paris e em digressão.

Em 2006, participou do Festival de Cannes, apresentando o espetáculo "ACT - E" em Paris. Também em televisão e no cinema e, pontualmente, na rádio. Paralelamente às atividades de teatro, participou de vários festivais de teatro, como o Festival de Avignon (2012), o Festival de Cannes (2009), o Festival de Cannes (2015), o Festival de Cannes (2017), o Festival de Cannes (2018), o Festival de Cannes (2019), o Festival de Cannes (2020), o Festival de Cannes (2021), o Festival de Cannes (2022), o Festival de Cannes (2023), o Festival de Cannes (2024), o Festival de Cannes (2025), o Festival de Cannes (2026), o Festival de Cannes (2027), o Festival de Cannes (2028), o Festival de Cannes (2029), o Festival de Cannes (2030).

Em 2013, participou do Festival de Cannes (2013), o Festival de Cannes (2016), o Festival de Cannes (2019), o Festival de Cannes (2020), o Festival de Cannes (2021), o Festival de Cannes (2022), o Festival de Cannes (2023), o Festival de Cannes (2024), o Festival de Cannes (2025), o Festival de Cannes (2026), o Festival de Cannes (2027), o Festival de Cannes (2028), o Festival de Cannes (2029), o Festival de Cannes (2030).

CAROLINA CAMPANELA – DRAMATURGA E INTÉRPRETE

Actriz, dramaturga e criadora.



F A í - V A ACT - E A
L , 2017. E - E á M
T L (U L), <https://re-í vistas.rcaap.pt/sdc/article/view/34015/23743> . E 2019,
(C N S é ' A D
C G P
F A (2021) J C (2021)
(2024) M I G , C - L P
V V à L (2017) L í C G
J S (2021) A S . T
ção na qual tem exercido funções de atriz e dramaturga, destaca os espectáculos SOLO
- V D V O
B , S R S , A M A S (O B - F . C çã (2024) ,

B
M
(2023) ,
A - U
B S
P P (2020)

(2019) , T
B ; W
C S
A á M
é

MÁRIO AFONSO
Coreógrafo



PROJECTO
D - Má A 2022 - 2026 (í)

SOBRE O PROJECTO
O í M ç 2022 I
ê í
que proporcionou o encontro com uma comunidade e com o seu quotidiano. Sem um
ó é - f ç
intérprete e mediador entre nós e esta comunidade local. Iniciei assim um processo de
ç ã
que registaram fragmentos do dia-a-dia da comunidade mas também M

tornou-se protagonista de imagens que revelavam tanto a sua espera quanto o seu querer.

e concretiza o objectivo que, em 2022, formulava à distância. Serão então captadas percurso, não apenas como estudante mas também como trabalhador, que se adapta às exigências da vida numa outra comunidade.



O trabalho de edição reunirá estas duas camadas temporais: os registos de 2022, na Ilha de Galinhas, e os de 2026, em Lisboa. Entre uma e outra, constrói-se um campo de tensões que interroga o desejo e a sua concretização, o olhar projectado além-mar e a experiência concreta de quem, agora, se encontra do outro lado. O vídeo, ao articular estes dois momentos, não procura apenas documentar, mas pensar o espaço que se abre entre eles: a espera, a travessia, a transformação e o que, em tudo isso, permanece.

O conjunto dos materiais será posteriormente organizado numa instalação, com não apenas como sucessão de imagens mas também como organização espacial, com o intuito de convidar o espectador a circular, confrontando-o com a coexistência de — 2022 — 2026 — abordagem permitirá trabalhar a ideia de comunidade e deslocamento, não só através da narrativa visual, mas também através da experiência sensorial de quem habita a

O TÍTULO

D e travessia, barreira física e espaço intermédio. Uma zona de passagem que é também de espera e de desejo, o mar torna-se a imagem de intervalo entre o que se sonha e o que se alcança, entre o querer e a concretização, entre a comunidade de origem e a comunidade de chegada.

Q ue é a comunidade de chegada na chegada ao lugar idealizado? Que comunidade emerge entre o desejo e a realidade, entre a promessa e o quotidiano?



SINOPSE

Entre imagens do quotidiano e a leitura de algumas citações, desenha-se uma tensão entre o aqui e o além, entre a vida partilhada na comunidade e a expectativa do que de um futuro melhor, o impulso da travessia perante a ameaça de uma vida insular.

M as como trabalhador que procura sustentar a sua travessia. De permeio acompanha esse intervalo entre o desejo e a sua concretização, entre a espera na ilha e a vida no

diante da vastidão do oceano, projectam a esperança no outro lado. Uma esperança que é também vulnerabilidade, entrega e incerteza.

De permeio dá forma a essa pergunta sem resposta, habitando o intervalo onde o do-nos a pensar a comunidade que está por vir.



BIOGRAFIA

Márcia Aparecida de Menezes, nascida em 1969, em São Paulo, Brasil. É formada em Dança pela Faculdade de Ciências da Dança da Universidade de São Paulo (2005); em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2008); em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2008); em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2022); e em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (2023). Desde 2001, atua na área do fazer e do pensar a dança, entre eles projetos de formação destinados ao público. Em 2009, criou o Núcleo de Dança e Artes Cênicas para promover iniciativas na área da criação artística, da formação e da realização de ideias. Em 2016, criou o Núcleo de Dança e Artes Cênicas para promover iniciativas na área da criação artística, da formação e da realização de ideias. Atualmente, atua como professora de Dança e Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, além de ser tutora e integrar projetos de outros artistas na qualidade de assistente artístico.

PEDRO FLORÊNCIO

Professor auxiliar na FCSH (área de cinema),
investigador e cineasta

PROJECTO

P B (f)

com Leni Mendes e Mandemba Quecú lé

Link: <https://vimeo.com/846581952>

P : 19 B

SINOPSE

U f B (A ' é B ' ó)

NOTA DE INTENÇÕES

" N , " (R B

BIOGRAFIA

P F é é
A P I M
2020 E ç - O
D (2019), N (2023) P é
D L - XXIII I
á f .

SARA ANJO

Coreógrafa

PROJECTO:

V

<https://www.saraanjo.com/residencia-ilha-das-galinhas>

<https://www.saraanjo.com/resid%C3%A2ncia-ilha-das-galinhas>

BIOGRAFIA

S A (1982, PT) é ç . T
ç õ á f ,

práticas meditativas e extáticas, tendo o respirar e o caminhar como eixos centrais. Interessa-se por desenvolver o seu trabalho em relação com o espaço exterior e com paisagens naturais, investigando a permeabilidade entre corpo e ambiente. Questiona-se continuamente: o que nos move? como nos movemos? e para onde nos movemos?

F - D ç A D ç C
E A í F L
ó - A C â U
C M C f D G

A á f -
 H ó (ã ç ã
 Lí (ç
 E F Á (-
 é , N ó ZDB, 2018) . E
 ç ã , á
 â ç ã , ó
 D 2017 C L F ç .
 M M N ó A N P O
 G I M (2016-19) .
 Paralelamente às suas peças, tem desenvolvido publicações em torno da notação de movimento e escrita de partituras, entendendo-as como dispositivos de reorientação da atenção e fontes de experiência.
 C é ç â ,
 e abstrata, em continuidade com a sua investigação sobre o teatro sónico. Destacam-se
 T M C ç S (T
 A - CCB, 2016) A E L U
 A - CCB, 2018) . É U
 f E
 É A ê 25, .

SÉRGIO DAS NEVES

Actor e fadista, encenador, investigador

BIOGRAFIA

D E P , F-CSH - UN
 C ç ã á
 F FLUL é E C -
 ção: Urfaust e Heinrich von Ofterdingen: um estudo comparatista à luz do pensamento alquímico. No âmbito da sua principal linha de investigação, a alquimia, tem desen-
 ç ã f
 F L , J ã G , T P
 F
 E ã D á , S - É
 á " Á L : C õ
 I é 2018. E " O P S
 ç ã " M " A ç " , B
 V C C " A ç " ,
 C C ,

materialidades da voz poética e da voz cantada; assim como entre a tradição e a ruptura na cada de fados "Duque da Rua". Participou ainda como fadista no curta-metragem

CANTO E RITUAIS

O projecto propõe musicalmente contemplar a experiência vivida na ilha de Galinhas,

dia-a-dia a observar e a viver de acordo com os costumes da ilha, o projecto utilizará

à escravatura, aos processos migratórios, à marginalidade e à pobreza, prestam-se a ultrapassar a genealogia conhecida, para experimentar a criação de poemas nos fados tradicionais e de afectos estabelecidos com as rotinas dos habitantes de Galinhas. Durante a estadia, a experiência mais decisiva para a hipótese estética do projecto não foi apenas a observação das rotinas ou a colheita de material sonoro, mas a dimensão

como presenças que escolheram partilhar, numa proximidade física e afectiva que

partilhando espaços domésticos e rituais, e foi nessa compressão do espaço, na literabilidade de estar ombro a ombro, que se deu a troca musical: refrões que se ofereciam como resposta, microvariações melódicas detectadas no sopro, silêncios que abriam ritmo, e uma transmissão por via oral que era, sempre, também um gesto de devolução.

Do ponto de vista crítico e ético, é imprescindível dizer que a proximidade não anula a assimetria histórica entre quem viaja e quem é visitado. Reconhecemos que a sua vinda – o acto deliberado de cantar para nós – é simultaneamente um presente e uma responsabilidade. Qualquer narrativa que reduza a presença dessas mulheres a um exotismo sonoro trairia a própria lógica do projecto: elas são titulares de saberes,

tratar esse legado com a seriedade política que lhe cabe. Inserir os seus modos de canto no dispositivo do fado implica, portanto, não apenas uma escolha estética mas um gesto de restituição simbólica: devolver visibilidade à linha matrilinear que faz circular

cada fado com uma contextualização, que relacionava a origem de cada poema com a

ainda incluir e articular as gravações das vozes das mulheres, estabelecendo uma espécie de coautoria, que cita essas cantoras, apresentando-as, creditando-as, para que

testemunhámos dá legitimidade a essa tradução, mas também impõe procedimentos: manter a autoria reconhecida; inserir excertos das vozes originais na dramaturgia do espectáculo quando for possível; explicitar no programa a proveniência e o papel das cantoras; e conceber futuras apresentações como plataformas de intercâmbio. Só assim é, antes de tudo, um acto de comunidade.

A f -
mas escritos in situ e a escolha de cada fado como «cama sonora» nasceram em diálogo f -
emparelhar textos com modelos musicais de forma abstracta, mas de reconhecer que certos contornos melódicos e certas temperaturas afectivas – que as cantoras traziam

escritos dez poemas por Sérgio. De seguida, foram encontrados os fados tradicionais, nos quais os poemas caberiam formalmente e esteticamente, nas suas temperaturas e

ç õ : F M , F M C , F C
F C , F T , F C , F
mãos e pelos modos destas mulheres que entendemos quais versos pediam um Fado M
M , é F C
B , A ç - :

de procurar os músicos – guitarra clássica e guitarra portuguesa – para a execução do projecto, assim como foram levadas a cabo aulas de canto e aulas de fado para aperfeiçoamento do instrumento vocal e melhor conhecimento das estruturas musicais do fado.

O primeiro poema, "Ritual da origem", nasce na intersecção entre dois gestos fundadores: a narrativa bijagó da criação do mundo e o fado menor, considerado o pai dos fados.

T - Ó
ambas ligadas a uma voz primordial que organiza o caos e dá forma ao indizível. Entre os B ó , B ó

Nindo, a divindade suprema, através do seu emissário Orebok, mandou para a terra uma

" (F 6 A 2018 , 105) . ã

A N é
de continuidade entre os elementos e a comunidade. Esta visão panteísta e animista, onde a vida emerge como uma teia de relações, aproxima-se da função do fado enquanto

O , arquivo onde se guardam as é
matrizes do género: as tonalidades que os outros fados herdarão, a estrutura meditativa é é

não é apenas emoção; é um dispositivo que dá forma àquilo que, antes, era informe. Ele encena o primeiro choro; o som que separa a vida da morte e marca a entrada no mundo.

O
ó , / " , -

6 T ó ç ã é á : N
B , A E G U I , 2018 .

gem junto com a criação, como a experiência de quem chega a uma terra desconhecida

da sepultura, do mito e da história. Quando "o mar enreda a terra" e "o abismo no fogo / elementos; a mesma fusão que os rituais bijagós celebram, onde terra, água, fogo e vento não são apenas substâncias, mas forças vivas, agentes de transformação. Escolher o fado menor para este poema foi, portanto, mais do que uma opção estética: foi um sibilidade do humano, o fado menor inaugura o campo musical onde todos os outros

escuta interior, a um retorno ao momento anterior à diferenciação, onde dor e alegria,

de qualquer outra canção, está a origem fabricada pelo mito e pelo poema: o instante em que se rompe o silêncio. No contexto do projecto, não se pretende descrever o mito bijagó nem reproduzir os seus ritos, mas dialogar com eles, reconhecendo que tanto o fado como o mito trabalham sobre a mesma matéria: o nascimento do mundo através da voz. Quando, no último verso, se lê "Fez-se luz, faça-se fado", há uma dupla inscrição. Por um lado, ecoa a criação bíblica e, por outro, propõe que a luz se faça som,

junto com o mundo, também o fado menor nos lembra que não existe canto sem mundo,

O segundo e o terceiro poemas representam o movimento vital que se segue à criação. Depois do choro inaugural, vem o riso; depois da treva meditativa, surge a luz festiva; depois do silêncio, o corpo em dança. O fado, sendo totalidade expressiva, não

isso, que, a partir do fado menor, em tom menor, surgem modos maiores: o fado corrido e o fado mouraria. Estes modos maiores não negam a melancolia do fado, mas trazem-lhe leveza e impulso de vida. São como a passagem da noite para o dia; do momento em

que revela a alegria de viver, de ver o sol e o mar, alegrias estas que se prolongam além marcada por uma vitalidade que atravessa o nascimento, a vida e a morte. Não existe

transforma-se, reintegra-se na comunidade através do renascer. Esta cosmovisão dá origem a uma relação particular com a alegria; uma alegria que não é fuga da dor, mas que a inclui, reconhecendo a dança como celebração da impermanência.

No dia da chegada à ilha de Galinhas, este ciclo foi vivido de forma intensa: enquanto nós desembarcávamos, uma morte recente mobilizava a aldeia para os preparativos espaço. Este momento fez ecoar a lógica bijagó: a vida não se organiza pela exclusão, mas pela integração do estranho e do diferente. Quem chega por mar deve ser recebido

através de um ritual de aprovação que pergunta: «vem por mal ou por bem?» O acolhimento não se faz pela hostilidade, mas pelo diálogo que transforma o desconhecido

C É O ç O ;
f . O é : á ;
F C ,

contínuo. Este fado é dançarino e comunitário. No contexto bijagó, o canto e a dança têm funções pedagógicas: "o cantar e dançar durante estas bonitas demonstrações não são outra coisa se não a instigação do jovem a ser um bom pescador (ágil como o

ã) , ç -ç
sica não é mero ornamento, mas força formadora que integra o jovem na comunidade e no cosmos. No poema, esse espírito manifesta-se em versos que celebram a criança, o jogo e a renovação, no espírito dionisíaco, na sua acepção nietzscheana: "os rituais

/ ã /
O fado corrido é, assim, o espaço do rito que se reinventa, da festa que acolhe a diferença, da dança que une os opostos. Ele representa o nascer contínuo da vida, sempre de novo, sempre em roda.

S F C ã - ç
paço mais ambíguo, onde a vida se mistura com a luta pela sobrevivência. Historicamente, a tradição mourisca foi associada aos bairros populares de Lisboa, aos lugares onde o

forço diário, das pequenas esperanças que resistem à dureza do destino. Essa dimensão dialoga fortemente com a realidade bijagó. O povo das ilhas viveu séculos de resistência à

õ
bijagó, não é abstrata: é vivida no corpo, no trabalho colectivo, na defesa do território: "o bijagó acredita na liberdade e por isso resistiu durante séculos às pressões vindas (1 0 6) . M

outras oportunidades, carregam consigo máscaras e ritos que os ligam à sua origem. Nas á ó f
entre a tradição e a modernidade, entre o mundo insular e o mundo exterior: "exemplos

ó f
" á ó f
em várias ocasiões: regresso dos trabalhos do campo, espera de um hóspede, brinca- ç õ

" - - A ,
resistência. O fogo é símbolo de vida e de destruição: pode aquecer ou consumir, ilu- A "

existência onde se arrisca tudo: liberdade, dignidade, sobrevivência. O refrão circular, " ç /

em modo maior, carrega uma luminosidade contida: não há o lamento profundo do fado é ã á
zona de fronteira, tal como a comunidade que vive entre a resistência e a transforma- ç ã . O ã é

permanente combustão: enfrentar a noite, atravessar as provações, renascer com o sol N ú , "

O fado, / çã
 O fado, "I çã", F M
 - F C U F, - á
 necessária para a renovação da vida e da comunidade e, aqui, do próprio fado também.
 C ã

o fanado bijagó; o ritual tradicional de iniciação dos jovens, marcando a passagem da adolescência para a idade adulta, onde se testa a coragem, o conhecimento, e a resistência física e emocional, e se transmite os saberes ancestrais, segredos da natureza,

ó
 corresponde a uma segunda vida do próprio fado menor, que, tal como os jovens, atravessa um processo de iniciação: "com os olhos brilhantes observam cada momento que precede a cerimónia e manifestam, no rosto, uma expressão de medo. Ficam a andar de um lado para outro, a pedir água para beber ou um lugar para se sentarem. De vez em

" (1 4 1) . A

a angústia física e espiritual de espera, medo e expectativa, pedindo água, como se a garganta seca fosse o lugar do canto que ainda não pode sair; a "febre que respira" e o "mal que faz o bem cumprir" remetem para a dor iniciática, que não é mero sofrimento, mas ritual necessário para o bem coletivo, para a constituição de um novo ser; "quem lê

é /
 iniciando deixam para trás a identidade anterior, a casa, o nome, entrando num espaço simbólico onde só resta o céu como livro sem escrita, tal como, no fanado, recebem um

f ó ; " ç
 " - à " ç
 çã " (1 1 0) , à ç õ

f ç ó
 do vínculo comunitário, chamando o renascido para o grupo. O poema, assim, não é apenas sobre um rito tradicional: ele projeta esta estrutura sobre o próprio fado menor, que se transforma numa linguagem ritual, numa gramática que prepara a passagem para

O é
 que sustém o rito: o segredo é parte essencial da transmutação, tal como no relato em que certas práticas não podem ser reveladas ou sequer nomeadas.

Em "O gesto da criação", a ênfase desloca-se para o momento criador que sucede à destruição. Se o quarto poema se centra na travessia, este fala do nascimento do novo fado como gesto mágico e artesanal, através de processos mágicos que se vinculam com a palavra, ressaltando que "o poder do feitiço é um dos dons mágicos que a etnia

ó " (1 1 4) . A f A

fados, estilista dos mesmos, e marceneiro de antigo ofício nos estaleiros –, é tratada não apenas como músico, mas como mestre artesão de forças invisíveis, um mago que trabalha o fado como quem constrói embarcações ou cura corpos. O poema articula a criação artística com os elementos rituais: "mas que feitiço é este que me inunda?" evoca o poder do feitiço como algo que invade e transforma, perigoso mas fecundante; "da treva nasce um fogo venenoso" – a luz criadora só emerge do mergulho no escuro,

f
 é , ó . A ú

fanado com um novo nome, o fado renasce através do gesto criador de marceneiro, que não é apenas individual, mas comunitário e mítico. O sangue derramado que mede a morte simbólica é condição da vida nova. No contexto industrial, o sangue torna-se também metáfora do esforço coletivo e do preço humano do trabalho.

As marcas se enraízam mais diretamente num conhecimento observável, geral e teorizável, assumindo um olhar que procura compreender, narrar e celebrar a cultura bijagó, agora, a segunda metade do ciclo desloca o centro para a experiência pessoal, para o modo como essa vivência se inscreveu no Sérgio, transformando a sua própria percepção do

A marca uma viragem na trajectória simbólica do projecto: depois dos rituais de destruição e renascimento evocados nos poemas anteriores, entra em cena o ritual mais profundo e enigmático de todos: o amor. Este fado propõe que nenhuma transformação se completa sem a força afectiva que liga um ser a outro, sem aquele toque que, mesmo no silêncio,

contado através da narrativa pessoal que lhe serve de base: a busca por comunicação com o mundo fora da ilha depende uma árvore que acumula a melhor rede de conexão para obter resposta evoca o gesto ancestral de procurar sinais nos céus ou nos deuses.

humana. Quando a escuridão cai e o narrador vê-se perdido, surge o jovem da aldeia, silencioso, apenas oferecendo a palma da mão – gesto mínimo, mas carregado de sentido.

Essa condição das mãos desproporcionadas, grandes demais para o corpo, dá-lhe uma dimensão quase mítica: são mãos que protegem, que curam, que seguram o outro diante do caos. Este gesto faz emergir uma paixão súbita, quase sem palavras, condensando a experiência do amor como salvação inesperada. No poema, esta narrativa ganha densidade simbólica: o início – “escura noite, ai quente dia” – situa-nos no contraste entre luz e treva, como nos rituais iniciáticos anteriores, mas agora o centro está na procura de sentido no meio da ausência: “lua ausente, o sol dormido”. O sujeito, sentado na “árvore da vida”, está suspenso entre mundos, sem respostas, “sem da vida ter saída”, até que a palma do outro aparece como resposta encarnada, substituindo a fala pelo gesto silencioso. O encontro amoroso é descrito como acontecimento radical, capaz de transformar o desespero em

funciona como acto de nomeação, equivalente ao novo nome recebido no fanado: ao batizar essa mão, o eu lírico cria uma nova identidade, tanto para si como para o outro. O

torna-se a voz do excesso afectivo, das forças que não se explicam mas que governam

O é social e rítmica dentro do projecto. Depois da tessitura meditativa e introspectiva do impõe-se uma estrutura de movimento, repetição e vertigem, onde o som é passo,

se repete por duas vezes no seguinte, cria uma cadência que se assemelha ao ritmo dos pés que correm e dançam em procissão, à respiração ofegante do grupo em deslocação, experienciada por Sérgio, numa das celebrações rituais colectivas. Esse ciclo dem, como uma serpente que morde a própria cauda; imagem que se torna literal no enterrada à entrada da aldeia. No contexto bijagó, esta grande celebração não é mero divertimento, mas uma explosão comunitária de energia, um momento em que a aldeia, o canto colectivo, o vinho de palma e de caju, a percussão que guia os passos, tudo se fício e passagem, selando o percurso da festa e garantindo a protecção da comunidade. Enquanto isso, no centro da aldeia, os mais velhos deliberam em assembleia, consultando o movimento derradeiro de galinhas decapitadas para decidir sobre questões colectivas. A to no plano físico como no plano espiritual e político. O poema tenta captar essa experiência através de uma linguagem triplicada, que oscila entre o êxtase e o cansaço, a eufória a própria palavra estivesse a dançar e a tropeçar, tal como os corpos durante o percurso. O fado triplicado torna-se, assim, a estrutura musical mais adequada para traduzir o frenesim dionisíaco deste ritual. Há ainda uma camada simbólica e histórica que emerge nesta celebração: enquanto a comunidade se entrega a três dias de êxtase, chega à ilha com a ambivalência da condição humana: a mesma energia que anima a dança pode mas metáfora universal do ciclo da vida e da morte, da paz e da guerra, do nascimento dois mundos: é o mal que se expulsa, mas também o símbolo eterno do devir, daquilo próprio fado da comunidade continue a ser cantado. O melancólica e errante se ajusta à experiência de um deslocamento íntimo e radical. A um abismo físico e simbólico onde se confrontam a fragilidade do corpo e a vastidão foi vivida como um ritual de passagem involuntário, em que o corpo foi submetido a metáfora da própria existência: sobrecarregada de pessoas, memórias, objectos e afectos experimentava uma suspensão entre vida e morte, até que o terror se cristalizou numa num canto fúnebre, onde a voz, tal como durante a travessia, surge como único recurso ora como força impiedosa, capaz de embalar e de destruir. Este ritual não tem mestres nem comunidade: ele é absolutamente singular, pois nasce de um confronto íntimo

são partilhados colectivamente, este é solitário, vivido no segredo da subjetividade.

inscreve no projecto uma experiência de limite: o mar como prova iniciática, a viagem como descida aos infernos e o retorno como renascimento. O choro solitário ao chegar do corpo, que regressa mais consciente da sua fragilidade e da sua força. O poema é, portanto, a memória cantada dessa travessia, um fado que dá forma e ritmo a um luto vivido em vida, transformando o medo em matéria estética e ritualística.

O ciclo: a da magia partilhada, onde a experiência interior se torna colectiva e o íntimo se transforma em espectáculo. Surge aqui um espaço de troca simbólica, em que o sagrado não é apenas recebido, mas também oferecido. O poema nasce do gesto de trazer um baralho de tarot para a ilha, como se o oráculo fosse uma ponte entre mundos: o nosso grupo de viajantes e os bijagós, as tradições europeias e africanas, o passado e o presente, a linguagem e a imagem. No plano formal, o poema assume a estrutura de um fado, cuja cadência dialoga com o tom oracular: versos que parecem proferir enigmas,

tarot, há no poema uma tensão entre destino e liberdade: as cartas traçam caminhos sentido. O contexto narrativo reforça essa ideia. Na viagem, o tarot não permaneceu estático nem preso ao formato tradicional. Ele ganhou novas mãos, novos símbolos e leituras colectivas, nas quais cada participante interpretava as suas próprias cartas.

É a leitura de tarot: ele dramatiza a própria potência criativa da linguagem, a capacidade

converte o tarot num palco simbólico, onde o destino não está fechado, mas sempre a possibilidade de quebrar a fatalidade de "nascer sem futuro já marcado", através do "fado que rime com o fogo prometido e roubado", isto é, através da arte, do canto, do acto colectivo de reescrever o mundo. Desta forma, este poema funciona como contraponto luminoso aos anteriores: a celebração do encontro, do jogo e da criação bijagós um espaço onde a experiência individual se inscreve na teia colectiva, como cartas viradas sobre a mesa, prontas a serem lidas, cantadas e sonhadas.

O quem fecha um círculo que, ao mesmo tempo, nunca se fecha por completo. Depois

como se a própria saudade fosse o fado primordial que une todos os corpos e todas as vozes. Este poema marca o regresso ao ponto de partida, mas um regresso transforma-

que foi partilhado, inscrita nos gestos, nos cantos, nos corpos que dançaram juntos e

imagens do poema – o “vento em melancolia”, o “sangue tímido em furor”, “vozes que

mas que encontra na música e na dança um meio de sobrevivência. O canto surge “sem compasso”, como quem já não canta para manter a ordem, mas para habitar o caos que a separação traz. O “Ritual da saudade” funciona como síntese de todos os rituais

aqui, esses elementos regressam dissolvidos, transformados em pura emoção. Não se

a invocação “ai sonho, ai que nostalgia”, eleva a saudade a um plano mítico, ritual. O “verde ouro e o carvão” – vida e morte, esperança e perda – fundem-se na imagem de

que foi, um fado que se dança para que o mundo, sempre o mesmo e sempre diferente,

este canto já não pertence só ao narrador ou ao grupo que viajou. Ele pertence a todos, porque a saudade é, no fundo, o fado comum que nos liga através das distâncias e nos devolve à terra, ao corpo, à memória, e à promessa de que novos rituais virão.

SÉRGIO DAS NEVES



*Toca-Choro. Entre a aldeia de Ambacanã e a aldeia de Ametite
ilha de Galinhas, Fev. 2022*



Foto de Anabela Mendes



*Praia de Abancanã. Um dia de festa. A nossa partida. Março de 2022.
Foto de Anabela Mendes*

**SOL_SUOR – BRAVURA E DESTEMPERA
DE COMO O ROMANCE SOL_SUOR DÁ LUGAR A VERSÃO
CÉNICA INSPIRADA EM OBRA HOMÓNIMA DO ESCRITOR
GUINEENSE ABDULAI SILA¹**

SUN_SWEAT

2

ANABELA MENDES

1 https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdulai_Silla
<https://camoesberlim.de/artistasautores/abdulai-sila/>
h : // . e a . f g . b / i e a f / e e h a / f c c a /

2 https://pt.wikipedia.org/wiki/Abdulai_Silla
<https://camoesberlim.de/artistasautores/abdulai-sila/>
h : // . e a . f g . b / i e a f / e e h a / f c c a /

A vida não desiste

NAQUELE DESENHO INESPERADAMENTE CONFIDENCIAL que é muitas vezes o das rápidas conversas entre estranhos, aquela mulher diz-me: «Sabe uma coisa? Não há dia nenhum em que a vida não me atinja.»

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

1 J é T Para Os Caminhantes Tudo é Caminho, L : Q , 2025,

Abertura

C - ó -
foram parentes próximos e que se destacam pelo que os embravece e destempera. E assim será num para sempre como tudo se passou e como alguém se destinou a contar o que efectivamente aconteceu. E o que aconteceu foi aprendizagem e é o que acontece todos

B , A S , D A â á ,

de responsabilidade que o comprometimento social e político do autor recita e profere.

A , á ã -
crita do romance *Sol_Suor*, é ,

tornar-se a consciência de um eu desmoderado, por ventura alinhado como princípio, e entregar-se a descrever e a narrar como as coisas se passaram algures entre o não

A
à distância, é do que tratam as muitas palavras numa língua doce e fraterna, quando alfabetizar deixa de ser sons que se sucedem abstractos, análogos e diversos. E a voz que os entremeia dá às palavras uma espécie de coloratura, uma "ginástica vocal" com que se tecem experiências de transição entre mulheres que querem aprender a conhecer-se melhor, que se tornam iniciadas na vida.

O lugar da voz

E foi no sentido de podermos estar perante uma espécie de iniciação das mulheres – aprender a ler e a escrever de muitas maneiras iniciava-as numa nova vida e seria processo alcançado de modo indirecto porque feito ao sabor dos tempos e dos espaços de todas em conjunto. E foi por isso que reservámos voz ao que se chega a conhecer, ao que se aprende a conhecer, ao que essas mulheres, aprendizas-ensinantes, estabeleceram previamente enquanto alunas e com a professora transversal ou mesmo

mulheres que entram na nossa versão cénica, aprendam a cair em si próprias e ajam sobre si próprias como verdade daquilo que pareceria ser o mais familiar e duradouro

f ú
Não sendo de todo uma fuga, embora possa designar-se como uma espécie de travessia de vida, encontramos, nas mulheres escolhidas e que protagonizam a tal versão cénica, um abandono inesperado do romance e das suas afectações.

A , ç ã á
ç ã à ã é

em cena, em qualquer lugar, produzindo ainda um efeito curativo para todas elas, o do próprio drama, que só pode vir do som da voz e não do sentido da voz. São essas as vozes que não dizem respeito à morte («Não há dia nenhum em que a vida não me atinja.»), porque enquanto formos, ela não é, e logo que ela entrar em cena, nós já lá não estaremos.

C í ã -
tranheza daquilo que nos aparece como versão dramática curativa, mesmo que estejamos a favor de relações empáticas, nas quais se dissolvem a compaixão e a solidariedade, o que une as mulheres. Empatia e cura tornam decisivo o que faz ressoar em si aquela

voz que é som e com ele contam as mulheres as histórias das suas vidas. E é talvez por

completamente isolada na época das chuvas, tempo de recolhimento e entendimento as mulheres tão bem conhecem.

M é C ó , á , sobre as mulheres, que elas cantam a *cappella* os cânticos de trabalho e amorosos que ultrapassam o equilíbrio instável das suas vidas. São as vozes que as iluminam, baseadas no saber de que a uma acção sempre se segue a sua reacção.

Parentes próximos

O pleno curso da vida *suada*

as suas histórias que transcendem os dramas particulares, mas que ao mesmo tempo são manifesto em nome próprio. E aqui talvez pudéssemos ir ao mesmo tempo ao encontro

tangíveis, pelo menos em palavras, e aquilo que outros viveram ou vivem, exactamente

tornou em matéria contada por alguém que opera do interior da obra, que age em si e consigo mesmo, que se apercebe de uma determinada solidão vivida, sofrida e imaginada

(), á , é próprio, aquela que produz sofrimento mas também enaltece pela acção gloriosa de vozes (mulheres, escritor e outros), em obediência ao que deixou de se lembrar como.

A õ - - *Sol_Suor*² - tórtante, espectral. O mesmo título impregna-se na versão cénica. Os dois objectos geminam-se na abertura das respectivas obras e curiosamente ambos percorrem, num determinado plano construtivo, aquele caminho que parece estar a meio-caminho de um salto para fora

C *Sol_Suor* aceita sugestivas propostas, de mudança como a de se transformar em obra-fragmento de vida episódica. Na qualidade de an-

í converter-se em telenovela.³ A á , é que o escritor guineense ambiciona para *Sol_Suor* um lugar cénico, restrito em personagens e todas femininas.

2 *Sol_Suor* é f *Um dia memoável* A S ç
peça foi publicada como segundo texto da *Trilogia de Padjigada* (á) , B
E , 2 0 2 3 , . 1 1 9 - 2 2 3 .

3 <https://projeto1gw.blogspot.com/2019/07/sol-e-suor-sera-o-titulo-da-primeira.html>
A ç á á á -
balho entre os guionistas manteve-se.

Quem interroga quem, e quem se interessa por saber como se projectam as mo-
ç õ ? S á ç ã
tivéssemos perante um reduto familiar, um espaço simbólico que alberga valores e
ç õ á

de todo o peso que transportam em vida e assim escolhem ser alfabetizadas perante
a imagem da vida, forçando o corpo à obediência.

A S
com ajustamento, tornar-se escrita feita em partes e que dará lugar a um texto cénico.
E á f õ
mulheres, matizadas por diálogos circunstanciais, que paradoxalmente apelam ao de-
ê é S

f A í ç
misturadas no concreto que traz à lembrança o novo, que se passa a conhecer conhece
o jogo do faz de conta, o jogo do espelho.

Nota aberta Pré-criação de versão cénica

A é H f ã é
C f - é
dade conforme a respectiva representação - "amada, aquela que é querida", segundo a
etnia balanta; já em fula, a verdade do nome traduz-se numa alternância fática "diz-me;
aquela que tem algo a dizer". (Informação do autor)

C õ ã é ã
com os rios que seguem sempre sem retorno (apenas o Nilo corre ao contrário) apre-
sentando-se como seres secretíssimos supremamente metamorfoseáveis.

É ã í f é ? L
ã

T - f
pela foz, pela sequenciação do seu destino, pelo desaguar nas águas bem-fazejas.

A
diz, é aquela que se atravessa por cima do mar e se plasma em terra alheia.

4 A H é f ã
dupla particularidade curiosa na aspiração do h inicial – se a língua falada é balanta, Halanan signi-
f " é " ; á
"diz-me; aquela que tem algo a dizer". (Informação do autor)

Comentário a *Um Dia Memorável*⁵ *Dia memorável e SOL_SUOR provêm da mesma raiz.* Talvez da raiz de um poilão.

E
ritmo essa escrita e os diálogos não trazem felizmente tempos mortos. Não é que um ou outro tempo morto não possa ter efeito próprio e necessário, mas não é disso que se trata nesta peça. *Dia Memorável* vive de uma acelerada convivência muito antiga, como se o dia de amanhã não existisse.

A
das outras talvez apenas e através da posição que ocupam face ao emaranhado de problemas em que se envolvem ou são envolvidas.

Elas próprias geram acção secundária em função dos diferentes acontecimentos que são tratados pela *conversa entre elas*. Para a economia da peça é uma boa estratégia. E essas conversas são conspiração.

P é
desenrola-se num único espaço concentracionário para onde entram e donde saem as personagens, criando com essa movimentação o ordenamento (trabalho dramático) á çã . É -
duz o desenvolvimento e o cruzamento dos assuntos abordados: fanado, exercício de violência praticado pelo homem sobre a mulher, traição, corrupção, esperança, amizade e cumplicidade, expressão afectiva entre as mulheres.

A f ã o escuro da vida.
Não há um único mencionado que se aproveite. Às mulheres são dadas cambiantes nas
E ã
suposto entender-se que o *demoníaco* guineense são apenas os homens?

Uma juíza salvadora, um anjo, como é dito na peça, alguém que virá de fora, re- ç . E ó é

f ã ã çã .
Posso entender a opção de escrita de uma peça feminista que estrutura problemas
C T f
o horizonte de esperança não possa ser estendido também aos homens. Onde estão

O ú çã
f . A -
união da espécie.

(O ç J é C S
V f ã

S ã
palavras e frases da peça (também um poema), sem que alcançasse toda a sua compreensão. Um dicionário recente abriu algumas portas. Não esclareceu todas as dúvidas.

Para uma pessoa não-guineense como eu resta aceitar a ignorância enquanto a peça já corre na minha cabeça nas suas três dimensões.

5 *Um dia memorável* foi publicado no âmbito da *Trilogia de Padjigada (festa, curtição)* que contém ainda as peças *A quinta coluna* e *Abota*. A *Trilogia & Padjigada*, B : K S M E
2 0 2 3 , 1 1 9 - 2 2 5 .

Escolhi a cor verde para ir assinalando pequenas diferenças que o meu português
ê A E

ANABELA
28-08-2022

SOL_SUOR

Construção de obra cénica a partir do romance homónimo de Abdulai Sila

ANOTAÇÕES

1. A ç é muito inferior àquele que constitui o tempo do romance. *Sol_Suor* como romance possui um tempo que a leitura alarga ou pode alargar como medida sequencial e sujeita a saltos, terminado esse tempo que é o da peça e da sua equipa técnico-artística na representação.

2. A H exprimem diferentes problemas (alfabetização, migração, mas também a capacidade de humanizar o texto e de deixar transparecer as diferentes sensibilidades das personagens e os seus dramas.

3. I ê vozes. Descontando as personagens, as duas outras categorias são introduzidas para agilizar a versão cénica.

4. A ç ã é representações inspiradas maioritariamente no comportamento humano.

5. A / ó - para o outro exigem rápida alteração comportamental do actor ou actriz, trabalho de *Leskov* W *O Contador de Histórias* – R, f x ã é B

6. C ç ã cada subcapítulo, mas também através da exposição interna do desenvolvimento da distribuição por um número restrito de actores e atrizes que passam a carregar esses longos pedaços de texto. O modo como as vozes serão introduzidas no texto cénico e

7. P ã é ã - 4 - ç ã é ç ã A ç ã um eco da própria coralidade.

8. V ã é

9. M

ç õ é

ã

1 00 texto original já foi cortado numa versão experimental por natural excesso,

ã

A

A

ç

1 / 6

1 1 .A

ç ã

ã

é

ê

ç ã

ú

E

sermos capazes de compreender a selecção.

1 2 .A

ã

H

é

f

-

ã

mento político ao serviço da nação.

1 3

Pretendo usar com intensidade, como está no texto, outras línguas de que ainda
discurso dos actores.

1 4

Os cortes a fazer no texto para teatro deverão ter a atenção do autor do romance
a quem é atribuída a última palavra.

1 5 .A

1 2

é

6 páginas do **Capítulo I – 1** assinalam mudança simbólica e real através do desloca-
mento de uma paragem de autocarro..

As 14 páginas do **CAPÍTULO II, cena 2** são dedicadas exclusivamente às mulheres que

ã

z

à

f

Nesta cena são introduzidas vozes como previsto como procedimento para as partes
seleccionadas do romance

As vozes assumem texto narrado e cantado. É construída uma partitura que junta voz
e texto em canto.

As personagens (Halanan, Ntchangá, Nten, Sabá, Djiba, Binta, Muscuta, Babetida/Tida)
dizem o texto que lhes está distribuído e também o texto narrado que pertença ao seu
círculo discursivo. Este princípio aplica-se a toda a versão cénica como está explícito em 4.

A

í

f

ç ã

que contribui também para a autonomia desta parte destinada a texto cénico. Parece-me
muito bem este título pela sua sonoridade e pelo sua dimensão metafórica.

Para as primeira e segunda versões do texto cénico foram consideradas passagens dos
Capítulos I, II, IV e XVII.

Capítulo IV, pp. 240 – 263

Texto já seleccionado e colado ao texto anterior (CAPÍTULO II)

LISTA DE NOMES DE PERSONAGENS E ALGUMAS FUNÇÕES

Halanan⁶ – mãe de Etibene

6 N

ã

ú

f

f

é " ; é " - ;
nota de rodapé anterior.

Aseweh – noivo de Halanan
Brinsan – mãe de Halanan e de João
Duah – camarada, pai de Flor
Etibene – f A , H
Flor – noiva de João (?)
Francisco – H f
Gundoh – ex-emigrante
Hicka – namorada de Etibene
Irmã Maria – protectora de Halanan
João – irmão de Halanan
Kombé – irmã de Halanan
Mamasabel – mulher-grande
Nhelen – mulher que cuidara de Halanan e de João
Nhinna – amiga de Hicka
Okis – motorista de João
Tio Mandjan – homem-grande
Halanan e as suas alunas
 (Halanan, Ntchangá, Nten, Sabá, Djiba, Binta, Muscuta, Babetida/Tida)

NOTA OPERATIVA

A -
 Letra azul – integração de texto novo.

Cena 1

À beira do rio Geba

VOZ 1

Diz-se que foram interesses obscuros que tinham feito deslocar a paragem de onde sempre estivera, desde a independência, e que convinha a quase toda a gente, tanto

é . D à
 servia de encruzilhada para diversas estradas, transformando-se em local de passagem, para viajantes de vários destinos, tanto do norte, leste ou sul do país.

VOZ 2

A ã ó
 instaurada a liberalização económica, a antiga paragem ainda tinha a vantagem de oferecer uma melhor acessibilidade, com uma estrada mais larga e cuidada e, acima de tudo, com um espaço circundante que dava para as anárquicas manobras dos camiões e dos que através de carrinhos de mão de todos os tamanhos e modelos movimentavam carga e mercadoria para os mais variados destinos.

VOZ 3

À nova paragem, localizada numa rua estreita, sem condições nem tradição de albergar comerciantes, faltava tudo o que a antiga tinha de melhor. Disse-se no início do pro-

Cena 2

À beira de uma mangueira

VOZ 1

O dia era de festa e o local, o espaço em torno de uma mangueira, num bairro periférico de mulheres. que frequentara e concluíra com sucesso um curso animado por uma se soubesse ao certo a sua procedência.

Halanan era uma mãe solteira, de porte elegante, perto dos cinquenta anos, que a prioritárias.

VOZ 2

Em Nhoma, tabanca onde cresceu, destacou-se como uma moça irreverente e in- devido à sua forte tendência de desrespeito aos usos e costumes da comunidade. samento a um homem muito mais velho e já com duas outras mulheres. Recusando corajosamente o matrimônio, envolvera-se com um rapaz que conhecera na missão católica de Nhoma, onde durante muito tempo teve como tutora uma Irmã de origem dia vir a ser professora.

Maria era o nome da Irmã e vivia há muitos anos na Guiné. Estabelecera-se em muito afecto por **Halanan** e, conhecendo a sua situação e dramas, decidira ajudá-la sob variadas formas: frequentar a escola, admitindo-a na sala apesar da sua idade avançada relativamente aos outros alunos; ir à catequese nas horas em que devia estar a trabalhar em casa, tendo para isso intercedido pessoalmente junto dos parentes; dar-lhe aulas bordado, etc.

VOZ 3

Halanan cruzava-se acidentalmente com um rapaz de nome **Francisco**, na altura candidato a seminarista. Foi junto à residência da **Irmã Maria** e, de imediato, os dois experimentaram uma forte atracção mútua. Um exemplo daquilo que se convencionou chamar de amor à primeira vista.

va, ela procurava, com empenho crescente, companhia e consolo junto de **Francisco**.

Sem nunca ter contado com isso, **Irmã Maria**, ao saber do **caso**, interviu sem demora: **Francisco** foi imediatamente transferido para o

conhecia ninguém e também ninguém a conhecia. Desembarcara com um bebé nas

Irmã Maria, conseguira emprego como professora na escola da missão católica local, sendo na altura a única professora em toda a região. Essa singularidade, aliada à sua

VOZ 4

A ó í **Halanan** conseguiu conquistar simpatias e fazer amizades com mulheres de diferentes camadas sociais e convicções religiosas. Para isso contribuiu grandemente o facto de nos seus tempos livres dedicar-se à costura, confeccionando roupa para crianças, que depois oferecia a quem mais necessitasse. A comunidade, bem como o respeito dos colegas professores e, acima de tudo, o apreço e a estima dos seus alunos.

VOZ 1

Juntar as mulheres para aprenderem a ler e a escrever foi uma ideia nascida havia muito tempo. **C** f **Ntchangá**, mulher um bocado mais velha que ela, numa tarde em que a mesma fora visitá-la sem se anunciar.

Halanan tardou a descobrir que a simples presença de **Ntchangá** no grupo representava,

uma outra parte das candidatas, sobretudo as que não testemunharam a fase em que **Ntchangá**, favorecida pela idade e pelo seu belo porte físico, chamava a atenção de

ambição transcendental, que se situava para além de qualquer preconceito.

VOZ 2

D tudo para fazer vingar a iniciativa, **Halanan** f çã desavença entre as mulheres sua prioridade absoluta. Em pouco tempo esse objectivo fora atingido, enchendo a professora de contentamento, causando motivação extra. C ó f é á ressentimentos, a cicatrização das feridas e a superação das mágoas do passado, sendo simultaneamente fundadas alianças e cumplicidades entre as mulheres que estavam dando frutos inesperados.

Cena 3

Sentadas em cadeiras à volta da mangueira

Halanan: “Foi muito difícil, mas valeu a pena” – disse para consigo em jeito de balanço, irradiando contentamento, enquanto avançava para a mangueira, em cujo tronco se encontrava pendurado um pedaço de contraplacado pintado de branco, a servir de

A é - era justamente o tronco da mangueira, estavam sentadas em cadeiras de diferentes tamanhos e formatos.

Ntchangá: Neste momento em que celebramos uma nova era nas nossas vidas, vamos dar um abraço, um grande, mas mesmo um grande abraço, do tamanho do mundo, à

As mulheres aplaudiram de pé e depois, uma a seguir à outra, abraçaram Halanan com muita emoção, demonstrando afecto e satisfação.

VOZ 1

P A Sabá foi quem avançou f

a Ntchangá, a abraçar a iniciativa de Halanan de alfabetizar as mulheres. Foi também ela quem mais progresso fez durante o curso, sendo a primeira que conseguiu escrever um texto estruturado, com uma mensagem que deixara todas comovidas, transmitindo de forma extremamente comvente o seu estado de espírito após a morte dos dois f ê ú

VOZ 2

Depois foi a vez de Djiba. Era uma mulher de cerca de quarenta anos, que se assumia azarenta, mas que se apresentava sempre bem vestida, com um penteado original, que nos, dando raramente notícias, pelo menos não tão frequentemente como ela desejava.

VOZ 3

O Binta, a mais nova, mais magra e mais barulhenta de todas; Muscura, a mais reservada, que quase nunca mente Babetida, carinhosamente chamada Tida no grupo, baixinha, sempre com ar de graça e bem-humorada.

Cena 4

O grande dia de celebração

Depois de abraçar todas e após a onda de aplausos prolongados, Ntchangá voltou-se de novo para Halanan. Desta vez Ntchangá falou com autoridade: - Professora, nestes dias todos não tens dito quase nada. Nós fartámo-nos de falar, falar, mas a professora, nada! Só que agora, neste grande dia de celebração, vais dizer alguma coisa. - Depois dirigiu-se às colegas: - Digam lá, meninas, estão ou não estão de acordo?

Djiba: - S ... Professora, queremos um discurso, mas um discurso bem feito, como naqueles tempos...

Binta: - ... como naqueles tempos... Sim, isso mesmo, um discurso que nos faça lembrar com entusiasmo, batendo palmas.

VOZ 4

A óNtchangá, a primeira que se seguiu foi Nten, sua colega de idade. Originária de Farim, Nten era uma mulher tímida, que nos últimos tempos vivia distante de quase C ó . A

VOZ 2

Depois foi a vez de **Djiba**, companheira de andanças de **Ntchangá** nos últimos tempos. Era uma mulher de cerca de quarenta anos, que se assumia azarenta, mas que se

notícias, pelo menos não tão frequentemente como ela desejava.

O **Binta**, a mais nova, mais magra e mais barulhenta de todas; **Muscuta**, a mais reservada, que quase nunca abria a boca, mas que quando o fazia, diziam as más línguas, só saía veneno; e **Babetida**, carinhosamente chamada **Tida** no grupo, baixinha, sempre com ar de graça e bem-humorada.

VOZ 1

Seguiu-se um outro momento de silêncio em que as mulheres esperavam ver **Halanan** a falar, o que no entanto tardava a acontecer. Finalmente foi **Djiba** quem decidiu intervir:

Djiba: - P

Quem olha para elas, assim tão elegantes, tão bem enfeitadas... olha só a **Ntchangá**... – sorriu, piscando o olho à visada. – Quem vê estas senhoras tão vaidosas pode pensar que... bem, nem vou dizer. O certo é que no fundo, no fundo, entendem pouco da vida,

... P

Ntchangá: - Hei, **Djiba**... – interrompeu **Ntchangá** com sinais de impaciência, levantando coisas sérias, sentimentos profundos, daqui, olha, do coração...

Djiba: - E depois? – reagiu prontamente **Djiba**. – Professora, eu não queria fazer isso ainda, sabes?, mas como estão a provocar-me...

Foi o momento de **Binta** bater palmas e exclamar com ironia:

Binta: - *Alal!*⁸

Tida: -- E o que é que vais fazer? – perguntou **Tida**

a **Djiba**. – Responde-me, querida: o que é que vais fazer? Repetir a sessão de dança do **M complé** novo para a **kumbosa** que nem sequer tens? – Eclodiu uma gargalhada seguida de palmas, com **Tida** a lançar um olhar provocador a **Djiba**.

Djiba: - Professora, estás a ver o que te disse no outro dia? Há certas pessoas aqui a portar-se como *prentchentes*⁹... M nenhuma... por isso, deixa-me mostrar-te só isto... – disse **Djiba** de rajada, indo até junto a **A afeteré** tirou uma folha de papel, que estendeu a **Halanan**, mas que esta hesitava em aceitar.

Tida: - - E á ? - T

Djiba: - T , ê ... P - tão coisas do coração, sentimentos profundos... sentimentos que só quem os tem, entende.

⁸ A í á

⁹ Raparigas adolescentes

Halanan: - Eu acredito, acredito totalmente... – ripostou **Halanan**, algo embaraçada.

Djiba: - Sabes, professora, na realidade, isto não foi feito para ser lido por outra

Pôs-se novamente de pé e limpou a garganta antes de começar a ler. Fê-lo com a máxima concentração e num ritmo lento.

Era uma carta que escrevera ao marido, há vários anos emigrado na Europa.

Djiba: - “*Meu querido marido: no outro dia, quando conversámos ao telefone, quis dizer-te uma coisa, uma coisa importante, mas não consegui. Agora vou dizer. Acho que antes te consultar. Sabes que não costumo fazer isso, por isso vais perdoar-me. Não te informei antes porque também não tinha a certeza que ia conseguir. Mas hoje... agora que consegui atingir o objectivo, posso dizer-te o que não tive coragem este tempo todo de dizer. Frequentei um curso de alfabetização e agora sei ler. Sei ler e sei escrever. Sei também fazer contas. E esta é a primeira carta que escrevo, vais ser a primeira pessoa a ler o que eu escrevi com as minhas mãos. Nunca antes na minha vida senti-me tão importante*”.

Halanan com agrado que a expressão de gozo dantes patente no rosto de quase todas, tinha fundo antes de continuar a leitura.

“Experimentei algo que tem estado a mexer muito comigo nos últimos tempos, na verdade desde que entrei nesta aventura. É uma coisa que me leva constantemente a pensar em outras coisas que dantes era incapaz de imaginar. É um sentimento agradável, profundo, gostaria muito de te explicar, para que a sentisses como eu a sinto, mas que infelizmente acho que ainda não poderei explicar por palavras... No fundo, é uma sensação inédita, só comparável à que tive naquela nossa primeira vez.

comigo. Isso eu sei, imaginei desde o primeiro dia. E por isso eu prometo que vou dar-te

Lágrimas grossas e teimosas começaram a pingar sobre o pedaço de papel. Com as costas da mão, Djiba limpou rapidamente a cara e continuou a leitura como se nada tivesse acontecido. A voz ganhou o seu tom normal.

“Mas há mais uma coisa que queria contar-te hoje. Comprei um telemóvel novo, caro. Levou quase todo o dinheiro que tinha poupado, mas acho que valeu a pena. Agora vamos poder conversar através da internet. Ficava sempre triste quando dizias que não podias

lhos porque eu não sabia usar um aparelho moderno. Agora já sei, aprendi. Sim, agora sei escrever os números, ler os nomes, as mensagens, tudo. Agora já não sou aquela cega que

a vida tem tantas, mas tantas cores, cores fantásticas, cores que irei desvendando uma a uma... Uma a uma, todos os dias que o sol nascer, só para ti. Serão essas as novas cores da felicidade, do amor que nos une. E com todas elas revelarei ao mundo essa enorme paixão que sinto por ti, meu amor!”

VOZ 2

Instaurou-se um silêncio que até dava para ouvir a respiração das companheiras. Um silêncio que só era interrompido por soluços, numa frequência crescente, proveniente de todos os lados. **Djiba** deixou cair o papel e avançou em direcção a **Halanan**. Esta também saiu ao

levantaram-se espontaneamente e partilharam o abraço colectivo. De um momento para o outro, os soluços transformaram-se em murmúrios, instantes depois em explosão de alegria.

Cena 6

Filhos são cadilhos

VOZ 3

A **ç Halanan** **f**
passado. Durante muitos anos, ela encontrara sempre em **Etibene** a companhia, a cumplicidade e o calor de que necessitava. Nos últimos tempos, todavia, o distanciamento, primeiro, e a frieza, depois, passaram a ser a característica dominante do relacionamento **ã f E Halanan** para alterar a situação, a tendência era para piorar.

Ela arranjava ocupações alternativas, em diferentes domínios, que complementava com a sua actividade de professora, mas, para sua grande desilusão e desespero, provou-se com o tempo que isso não bastava para suprir a crescente lacuna que o distanciamento **f T** iniciativas recreativas e culturais, tinha acções sociais em que se envolvia com todo o **f ç õ** sempre algo de útil e interessante, em que podia empregar o seu tempo livre de modo **ç ã -** bretudo quando chegava a casa e precisava de conversar sobre o que lhe ia na alma, **ó** receio de se ser mal interpretado, com quem se sente perto, cúmplice de alguma forma.

VOZ 4

Halanan procurara a ajuda de **Hicka**, mas apesar do inquestionável empenho da **f** nascera desde o momento em que pela primeira vez, em circunstâncias tão dramáticas,

ç . A - plêndido mantinha-se como o quadro mais elaborado que jamais enxergara; o primeiro som, que com tanta ansiedade aguardara, que num momento ecoou como clamor de vitória e noutra como acto de redenção, ainda soava inconfundível como a mais bela **O**

que fora votada, antes e depois de adquirir o estatuto de mãe, mantinham-se vivos, eram marcos indelévels da sua vida. O infortúnio, as provações e as provocações, que marcaram a sua vida desde os remotos momentos de que tinha consciência, foram paradoxalmente a sua principal fonte de energia, da coragem de viver de cara erguida, de encarar o futuro sempre com fé e esperança.

VOZ 1

esse espírito que recebeu a pior notícia do dia, o anúncio da decisão do filho de sair de casa, de partir para o longe, para o desconhecido. Embora não sendo totalmente exteriorizar o facto, procurando antes fazer transparecer, nas palavras e no temperamento, um certo grau de indulgência.

Halanan: - Eu só te peço que... que reconsideres esta tua decisão. Pensa melhor,

Etibene: - Mãe, não quero que se preocupe por mim. Já estou grande.

VOZ 1

tantas vezes. "Nada nem ninguém me fará adiar", dissera ele sem pestanejar. Respirou fundo e concentrou-se em reter as lágrimas que ameaçavam transbordar.

Halanan: - Mãe, não quero que se preocupe por mim. Já estou grande.

Etibene: - Não quero que se preocupe por mim. Já estou grande. Não consigo aqui nem daqui.

Halanan: - Quer dizer então que... vais mesmo emigrar?

Etibene: - Não me sobra nenhuma outra alternativa nesta terra. Não tenho mais nada...

Halanan voltou a sentir no coração o pesado sentido daquelas palavras. Desta vez não conseguiu conter a emoção.

Halanan: - Não quero que se preocupe por mim. Já estou grande.

Etibene: - Não quero que se preocupe por mim. Já estou grande.

Halanan: - O futuro constrói-se, dia a dia, passo a passo... Não é assim como podes pensar.

Etibene: - É? Então, porquê? Porque não é assim?

Halanan: - Longe da tua terra?

Etibene: - Se a minha terra não me quer...

Halanan: - Não sejas ingrato!

Etibene: - Ingrato, eu? Não, mãe – disse num tom melancólico, olhando para a mãe nos olhos, com sinais de revolta. - Estive sempre disposto a dar tudo o que se me pediu e, como sabes, tudo tenho feito ao longo de todos esses anos sem hesitar, sem questionar.

Halanan: - Deus às vezes põe-nos à prova e... quando menos esperamos, as coisas acontecem.

Etibene: - Então, mãe, não quero que se preocupe por mim. Já estou grande.

... D -
cadoria que tenho...

Halanan: - M ?

Etibene: - O meu conhecimento.

Halanan: - E isso algum dia foi mercadoria? – interrogou **Halanan** com alguma indignação.

Etibene: - É ú ã
terra, as pessoas não entenderam isso, então deixa-me levá-la para onde ela será sempre apreciada no seu justo valor.

Halanan: - E onde é que é isso?

Etibene: - É á ê é
mais que o cartão de militante de um partido político...

Halanan: - E á . A f

Etibene: - Para lá onde se procura o desenvolvimento, onde as ideias de alguns se tornam facilmente ideais de muitos, onde as aspirações da juventude se transformam em inspiração para a acção... E sabes o que é estranho, mãe? – perguntou **Etibene** com amargura na voz, abanando a cabeça. Fitando outra vez a mãe nos olhos, prosseguiu esboçando um sorriso irónico: – Ouvi alguém dizer há uns tempos que aqui também existiu isso...

Halanan: - O quê, ideais?

Etibene: - Ideias, ideais, crença no amanhã, reconhecimento do mérito, da dedicação... Pode alguém acreditar? Hoje não há nem fumo disso, não há nenhum vestígio de nada disso... E tanto assim é, mãe, que sou capaz de apostar que muitos dos teus alunos não sabem que este país chegou a ser o orgulho de toda a África. T í !

Halanan: - S é ? A
gente tiver a atitude que estás a ter.

Etibene: - Então agora eu é que sou o culpado do facto de não haver mais esperança para a juventude deste país?

Halanan: - N ã ... C
pensam em fugir... se isso não parar, quem vai tomar conta do país? Qual será o futuro do país se todos os jovens só pensam em abandoná-lo?

Etibene: - Q ã , ã ?
satisfatória a esta tua pergunta no dia em que descobrires no que se tornou este país.

Halanan: - Este é o nosso país! O que é que há-de ser dele se persistir essa tendên-
à
sempre teve um papel de relevo na História deste país, ela esteve sempre na linha da
vossa geração que isso vai mudar?

Etibene: - Pergunta isso aos teus alunos, mãe. Eles serão certamente capazes de ajudar-te a descobrir que país é este de que ninguém agora parece querer tomar conta...

Halanan: - A f é . T

Etibene: - Se lhes perguntares como deve ser, mãe, com as palavras certas, no momento certo, os teus alunos te dirão melhor do que eu quem é que falhou: se a juventude no cumprimento da sua missão histórica, ou...

E f ê ã

Etibene: - Sempre que houve uma liderança à altura, a juventude honrou o seu legado. A - , ã :

Halanan: - Filho, não estou a gostar desta conversa...

Etibene: - E eu compreendo perfeitamente os teus motivos, mãe. Por isso, acho que como professora dedicada que és, e sempre foste, devias tentar explicar a todos os teus alunos não só o que aconteceu, mas sobretudo como recuperar o que entretanto se perdeu. Lembras-te do que disseste há uns tempos atrás quando ainda olhávamos para este país como... como um jovem que ia crescer saudável e cheio de esperança? Lembras-te do que dizias quando me ensinavas a cantar o hino nacional?

Halanan: - Sim, claro...

Etibene: - A - :
imortal, aquela onde é suposto **construirmos sob um sol a arder para todos, e com o suor de todos, todos os dias, a paz e o progresso?** – Perante a ausência de resposta da mãe, Etibene prosseguiu: - Explica-me porque disseste no outro dia, quando estiveste aqui mesmo a conversar com as tuas amigas, que já não entendes nada do que está a acontecer nesta terra?

Halanan: - Eu disse isso? Filho, acho que estás a querer confundir-me...

Etibene: - Disseste às tuas amigas, que já não entendes nada do que está a acontecer nesta terra. E isso não podes negar... disseste que se os alicerces da nação continuarem a ser fustigados como tem acontecido ultimamente, o edifício poderá não aguentar...

Halanan: - E achas que não é verdade?

Etibene: - Então não me perguntes porque é que tanta gente, mas sobretudo os jovens, estão a querer afastar-se antes do anunciado colapso.

Halanan: - Sabes porque é que coloquei aquela questão daquela maneira às minhas amigas?

Etibene: - Não sei, mas... vou procurar saber longe daqui. Prometo-te, mãe. Eu vou procurar saber e... quando voltar dir-te-ei. E será com todos os detalhes.

Cena 7

Num dia de sol

VOZ 2

D ç ã ,
da namorada e insistentes apelos da mãe, **Etibene** num dia de sol e muito calor. Sabia de antemão que a aventura não seria fácil, mas não imaginava que fosse tão complicado e penoso desenrascar-se na capital, onde aparentemente ninguém queria saber de ninguém, onde tudo era tão caótico.

O amigo que conheceu online, que lhe assegurara que ia recebê-lo na casa dos pais e que lhe garantiria uma cama e pelo menos uma refeição até que conseguisse safar a mistida que tinha. Nem uma coisa nem outra. Fartou-se de ligar para o telefone dele sem nunca ser atendido. Desistiu depois da enésima tentativa, pois a partir de um dado momento o número já não conectava. "Bloqueou-me, o cabrão!", concluiu com raiva.

VOZ 3

A *djilas* e as *bideras* preparavam-se para o fecho de mais um dia de trabalho. Havia muito movimento de pessoas, que se acumulavam junto aos cruzamentos e entroncamentos, disputando lugares nos toca-toca, prontos para a viagem de regresso a casa, alguns á *futi* e M çã

Quando o sol desapareceu no horizonte, brou-se da mãe. "Em Bissau as pessoas não são como cá, ninguém quer saber de ninguém", tinha ela advertido. Notou como ninguém reparava nele, na sua preocupação em encontrar onde se albergar, descansar, passar a noite. Sem saber como, viu-se de repente à frente de um aparthotel. Havia alguém junto ao portão de entrada dos car-

junto ao portão e cumprimentou. Não obteve resposta. De trás dele, com a pisca-pisca a indicar a intenção de aceder ao recinto, surgiu de repente um carro.

P *Etibene* á ã

Indivíduo: - Então não explicaste ao novo guarda como é que se deve proceder? - perguntou o indivíduo que esteve a conduzir, dirigindo-se ao homem que parecia ser trabalhador do estabelecimento. Depois, sempre num tom autoritário, que lhe atribuía

Está lá desde ontem, espero que não a tenham roubado. E

Cena 8

Arrufos de namorados

VOZ 4

Foi assim que conseguiu emprego e alojamento. Passou a dormir lá, no corredor do rés-do-chão, ao lado da cozinha. Pouco tempo depois, com a sua dedicação e dispo-

situação foi melhorando aos poucos, a começar pelo salário. Sentia-se cada dia mais *Hicka* mandava

ter sido esse entusiasmo que motivou a *Hicka* e risco, sem antes ter alertado ninguém. Só no dia seguinte ao da sua chegada é que *Etibene* recebeu a informação, juntamente com a solicitação de encontro.

A ó - Hicka, já falido de argumentos, **Etibene** acabou por ceder, marcando um encontro num jardim público, recusando-se redondamente a revelar-lhe onde morava. Sentaram-se num banco e comportaram-se como simples amigos ou conhecidos, gente que não tinha o nível de

Etibene a procurar manter um certo distanciamento.

Etibene: - P é ? P - ã
pelo menos algum tempo...

Hicka: - A - f -
sorrir e aproximar-se mais do namorado

Etibene: - O que está em causa não é o tempo que me dás, é o tempo de que eu f

Hicka: - Sabes, Etibene, eu estive este tempo todo à espera de uma oportunidade como esta para conversarmos. E quero pedir-te que o façamos a sério. Pode ser?

Etibene: - A ã à -
- ? T

Hicka: - V
que desejo é estar em harmonia contigo; é estar junto de ti, partilhar contigo todos os momentos, os bons e os menos bons. Sempre.

VOZ 2

Hicka aproximou-se mais de **Etibene** e apoiou a cabeça sobre o ombro dele. Ficaram em silêncio durante algum tempo, com **Hicka** insistentemente a oferecer carinho, por palavras e gestos, mas que eram ignorados ou rejeitados. Fazendo um esforço para se distanciar cada vez mais dela, **Etibene** dirigiu-se-lhe num tom que denotava total desinteresse.

Etibene: - Eu quero que entendas uma coisa, Hicka... Não é nada contigo, antes com... com a minha vida, percebes? Ela, esta maldita vida... ela está a insistir em fugir-me... não sei mais como... como lidar com ela, como segurá-la, como me compatibilizar com ela.

Hicka: - E achas que é emigrando para o norte da Europa que vais conseguir fazer isso?
Num gesto brusco, **Etibene** afastou a cabeça dela do seu ombro e chegou-se mais

Etibene: - Que história é essa?

Hicka: - Eu soube por acaso... Foi por isso que vim logo que pude.

Etibene: - E... quem é que te disse? – interrogou Etibene, ainda agitado e incrédulo.
P é
diz-me: como é que soubeste?

Hicka: - D á S
olha... – reagiu friamente Hicka, batendo com a palma da mão no peito. – Foi o meu ç ã S ã
dizes, tudo o que escreves... tudo, mas tudo mesmo, corre o risco de ir parar a lugares inapropriados... alguns deles absolutamente imprevisíveis.

Etibene: - T ç ã . O H ó

M f Hicka mantém-se serena, falando com uma frieza típica de quem se sente em posição de força.

Hicka: - C f ã

Etibene: - Sabes uma coisa? Eu sei melhor do que ninguém o que é bom e o que não é bom para mim, o que é útil e o que é inútil, onde devo meter o pé e onde nunca devo aventurar-me mesmo nos sonhos mais ousados... Dá para entenderes só assim?

Hicka: - Deixa-me dizer-te uma coisinha, meu amor: tudo o que eu quero é que consigas o que queres, que obtenhas o melhor que queres para ti...

Etibene: - Pois olha que não parece...

Hicka: - A ã é

Etibene: - Eu não te conhecia com estes dotes de pregador. Sempre te vi como uma pessoa sensata, com os pés no chão, dona do teu nariz. Estás a surpreender-me demais... e não estou a gostar nem um pouco.

Hicka apercebeu-se da agitação que se ia apoderando de Etibene e tentou acalmá-lo. Sabia que só iria atingir o seu objectivo se conseguisse manter o namorado com a serenidade necessária.

Hicka: - C
o seu amanhã, entendes? – disse Hicka com doçura, procurando reaproximar-se dele, passando-lhe a palma da mão na face. – Sabes, meu bem, às vezes penso que... precisas de impulso extra, incentivo forte para começares a assumir uma coisa bem simples, maravilhosa... Uma coisa que brotou ontem, numa data incerta, que está gerando laços para tecer o nosso amanhã comum...

Etibene: - C
retirar-te os pés do chão e fazer-te perder longe, muito longe da realidade...

Hicka: - Eu sei do que estou a falar e isso está bem ancorado na realidade, podes crer. E tanto assim é que... sabes o que é? Queres adivinhar?

Etibene: - Se me conheces como pretendes fazer crer, deves saber que adivinhar não é o meu forte.

Hicka: - É á
tens que começar a descobrir a verdadeira mulher que há em mim...

Etibene reagiu com um gesto de desacordo. Depois de um breve momento de reflexão,

Etibene: - Diz-me uma coisa: isto é uma provocação, um alerta, ou...? – Fez uma procura ler menos poesia.

Hicka: - C
longo, melódico e inacabado poema. E sabes que mais? Ela convenceu-me que é lendo e recitando poesia todos os dias é que se apura o senso da beleza e da autenticidade. E mais: só com a magia da poesia devolveremos o sorriso a este teu rosto amarrotado...
- H
poesia faremos retornar o sorriso e manteremos acesa a luz da nossa paixão.

Etibene: - H ...E é

Hicka: - C -
certa: lado a lado, cultivando o nosso amor, revalorizaremos as oportunidades que o nosso país oferece a cada cidadão e afastaremos para sempre essa ideia absurda de emigrar...

Cena 9

“Queres uma coisa a sério? Luta por ela.”

VOZ 3

Hicka B f
todo o custo que o namorado levasse avante a sua intenção de emigrar. Para além do estímulo que recebera de **Halanan**, a mãe do namorado, de quem se tornara aliada, ela tinha outros motivos, motivos fortes e enraizados na história da sua família. Quando

ã . A B
ã . A
dela: “Queres uma coisa a sério? Luta por ela.” A

VOZ 1

Na véspera da partida, a mãe foi com ela ao poço buscar água e aproveitou para con- V f
lutar por aquilo que se ama, seja isso um objecto, uma causa, um posto ou um homem. N

no que desse e viesse. Guardou o papelinho, mas prometeu à mãe que iria usá-lo somente em caso de absoluta necessidade, pois estava convencida de que iria cumprir a missão sem ajuda de terceiros.

VOZ 2

E ç ã f **Etibene**, em ó
que este tornara claro que a sua decisão de emigrar era irreversível. Depois de passar a noite em branco, pensando nos cenários mais pessimistas, lembrou-se do conselho da mãe e do número apontado no papelinho. Decidida a jogar todas as cartas que tinha, telefonou bem cedo para o número e ouviu a voz de uma mulher-grande que antes de lhe atender o pedido, ignorando que ela tinha pouco crédito para chamadas, quisera saber mil e um detalhes sobre a mãe e o pai, sobre a saúde dos dois e estado de ânimo, e sobre as galinhas e as cabras que tinham, e os vizinhos que eram mesqui- á á
conversa, disse-lhe que contactasse uma outra pessoa e lhe explicasse a mistida que A B
Nhinna, uma sobrinha muito diligente,

VOZ 4

Dias depois, o telefone de **Hicka** soou e era **Nhinna**. Não foi muito gentil, mas pare- M
meia hora. **Hicka** í ô - -
rido restaurante não se localizava longe. Ficou a pensar no embaraço que seria se a

mulher viesse com a ideia de querer tomar alguma bebida e lhe pedisse para pagar a
arranjam sempre um truque para que sejas tu a pagar a conta". Ela não tinha dinheiro
nenhum para gastar em restaurantes e ia deixar isso claro desde o primeiro momento
para evitar eventuais mal entendidos.

Nhinna já lá estava. Sentada no interior de um carro todo-o-terreno estacionado junto
ao passeio do restaurante, fez-lhe um sinal para se aproximar e mandou-a entrar e
sentar-se ao lado. **Hicka**

e rumores que tinha ouvido sobre **Nhinna**.

Nhinna era uma mulher assumidamente feia, reputada como divertida, simpática,

e contra todas as previsões e tradições, nunca se casou, tendo como única parente co-
nhecida **Mamasabel**, a quem carinhosamente chamava **N'na**. Sabia dos segredos e das
diskarnas de muita gente, sobretudo de mulheres casadas e de políticos. Gabava-se

mento' que ocorrem na administração pública, envolvendo desde governantes, em-
presários, deputados, militares e até simples funcionários. Gabava-se igualmente de
conhecer todos os bons *murus* e *djambakuses*, bem como todas as grandes balobas do

de roupa de marca, sem no entanto possuir nenhuma loja ou local de venda que se
conheça. O seu slogan é "*sintadu na un kau, bu mistida ka ta safa*¹⁰".

Hicka expor o a\$
sunto, **Nhinna**

gestos. Foi atendida prontamente e disse algumas coisas em linguagem de código que
Hicka codificada, o que deixou **Hicka**

Nhinna tirou da carteira um cartão de visita onde se alistavam vários contactos
telefónicos e dirigindo-se a **Hicka** em jeito de despedida, disse, sublinhando com um lápis:

Nhinna: - Estes dois números são meus, usa o segundo se for algo urgente. No outro
lado tens o número do... do fulano com quem vais falar depois. Procura ser objecti-
va e paciente. Ele é boa pessoa, mas... tem as suas marés, entendes? – informou ao
mesmo tempo que estendia um envelope a **Hicka**, que todavia se mostrava hesitante

vai depressa, vai antes que seja demasiado tarde.

Nhinna: - É
mento e te serão dadas as instruções e todos os pormenores para o encontro com o

1 "Preso a um local, nunca resolves os teus afazeres"

... A
e não Kundoc... e não te esqueças de uma coisa: procura ser paciente com ele... e vai direito ao assunto, está bem? Isso é importante... E agora vai a correr que a agência está quase a fechar. Podia até levar-te, mas... não convém que nos vejam juntas, depois vais entender porquê – disse Nhinna, sorridente, mandando um beijinho com a mão.

Seguindo as instruções, **Hicka** foi até à dita agência e chegou quando esta estava prestes a fechar. Não foi bem atendida, mas conseguiu o que mais queria: pagar o respondia pelo nome de **Gundoh**.

VOZ 4

Sem que ninguém conheça a sua verdadeira identidade, Gundoh era tido como um excêntrico, que para além da particularidade de ter viajado pelos quatro cantos do mundo, com conhecimentos linguísticos de fazer inveja aos melhores tradutores, ti-

que se encontrava. Devido à sua extraordinária capacidade de adaptação ao meio e às circunstâncias, houve quem quisesse atribuir-lhe a alcunha de camaleão, que rechaçou logo que isso chegou ao seu conhecimento, alegando ser esta uma distinção

camponês, intelectual, artista, empresário ou operário, comportando-se em qualquer uma das circunstâncias como cavalheiro gentil ou vil tirano. Dizem os que com ele

lua cheia é a orquestração daquilo que designava de “ajuste de contas com a História”, um compromisso que confessava ter assumido durante a sua estadia na Europa, compromisso esse que se tornara a sua missão de vida, a razão suprema da sua existência. Raras vezes falava do assunto, mas quando o fazia revelava um ou outro detalhe, que o que depois do crepúsculo se irá revelar”.

Cena 10

Blumen ... Blumen aus Eis.

VOZ 1

Ninguém sabia do grau de parentesco com **Nhinna**, mas era público que, durante a sempre com muita reverência. Levava uma vida nómada, viajando por todo o país, nado ajuste de contas.

Gundoh sabia da vida de muita gente, sendo reconhecido como profundo conhe- nantes, deslocações clandestinas de empresários e políticos a balobas e *murus*.

Nhinna era um dos ditos renomados consultores dessa dita agência, tendo como tarefa principal a angariação de clientes.

VOZ 2

Depois de cumpridas todas as formalidades e observados todos os trâmites obrigatórios, **Hicka** habilitou-se a um encontro com **Gundoh**, marcado para a esplanada de um restaurante.

Hicka aproximou-se da mesa a passos lentos e, numa voz que revelava ansiedade e desconforto, cumprimentou mesmo antes de chegar. **Gundoh** olhou para ela atentamente, mas não respondeu à saudação. Limitou-se a interrogar num tom autoritário:

Gundoh: - C ó ?

Hicka f ç N ê estava a confrontar-se, informando que o código que lhe seria exigido tinha que ser implicaria o cancelamento da sessão, sem direito a reembolso. Era uma frase curta, mas sendo numa língua desconhecida, custava a memorizar. Entre a agência e o local de encontro, cerca de meia hora de caminhada, concentrara-se o máximo que podia, repetindo a frase quase a cada três minutos. A

Hicka: - B ... B ¹¹. E

Gundoh: fez-lhe então um sinal para se sentar. Para **Hicka** era a prova de que con- ê R a cara do interlocutor. Quis cumprimentá-lo de novo, mas desistiu. Lembrou-se da recomendação de **Nhinna**: "Procura ser objectiva e paciente". Respirou fundo, vezes A

Gundoh: - N ã f é

Hicka: - Lá na agência, expliquei várias vezes aos seus colegas – limitou-se **Hicka** a responder, esforçando-se para se mostrar calma.

Gundoh: - Primeiro: Isto que estamos a ter não é um *djumbai*, ? A conversa tem que ser necessariamente curta.... Portanto, seja objectiva e clara nas suas S : f ç õ falou não são meus colegas. Explique-me a mim o que lhes forneceu como resposta à pergunta sobre as suas pretensões.

Hicka: - Eu quero que não faça aquilo que... que costuma fazer.

Gundoh: - E o que é isso que diz que eu costumo fazer? – perguntou **Gundoh** com cara de poucos amigos. – Diga-me uma coisa: tem mesmo a certeza que lhe explicaram como é que isto aqui funciona?

Hicka mostrava-se agora bastante nervosa, incapaz de controlar o raciocínio.

Hicka: - S , . . . E - . . . pedido... Gostaria muito que me atendesse esse pedido.

Gundoh: - Pedido para... deixar de atender outros pedidos, é isso?

Hicka: - É ó ó . S ó

Gundoh: - E quem é essa pessoa?

1 Flores ... Flores feitas de gelo

Hicka: - É S . É ó

Gundoh mexeu-se na cadeira, esticando as pernas. Encheu o copo, mas não bebeu a água. Mais do que perplexo, aparentava estar irritado.

Gundoh: - Qual é o nome dele? Será que ele já tratou de... já formalizou o pedido na agência?

Hicka: - A ã , ê - Os documentos... esses ele tem-nos completos... Só o dinheiro é que lhe falta completar neste momento.

Gundoh: - Parece que está bem informada.

Hicka: - Eu amo-o muito... – disse Hicka com convicção.

Gundoh: - C é é ? - declaração de Hicka.

Hicka: - Eu tenho uma cópia do passaporte dele...

Hicka tirou da carteira um papel, entregando-o a **Gundoh**. Este analisou-o durante alguns momentos e depois devolveu-o, abanando a cabeça.

Gundoh: - Lamento muito, mas... não posso fazer o que está a pedir-me. Não seria correcto. Se ele quer partir, tem esse direito. Não é você que vai impedi-lo...

Hicka: - A ã é ã . . .

Gundoh: - E ã S a nossa tarefa é prestar o serviço. Nós não temos nada a ver com o resto... Entendeu?

Cena 11

Persistir, persistir, persistir

VOZ 3

Hicka saiu do encontro bastante frustrada. Foi até à zona do porto e sentou-se num ban- ç à corresponden às suas expectativas. Passou os dias seguintes a meditar, a tentar animar-se, mas não conseguia ocultar a tristeza e o medo de frustrar. Não tendo nada de novo

A - ó jectivo a que se propusera, mas descartou a ideia logo no momento seguinte. Não podia ã ã á - ã - única saída então era persistir, ir buscando amparo e coragem onde fosse possível.

VOZ 3

A **Gundoh** tinha sido tudo menos animadora. E o pior é que **Etibene** fugia dela todo o tempo. E quando conseguia apanhá-lo a mensagem que transmitia era

Hicka ç ã , f ç ç ã

o nível de frustração, que crescia diariamente, e sem perspectivas palpáveis de saída, ela entrou em estado de abatimento físico e psíquico.

VOZ 2

Saía cedo de casa, deambulava pela cidade e só voltava à noite. Um dia, **ao cair do sol**, avistou um carro parado à frente de uma loja e, pensando ser o de **Nhinna**, aproximou-se dele. Ficou um bom tempo a aguardar até aparecer o dono, um homem gordo e feio que a tomou por uma prostituta. Depois de passar um olhar pela rabada dela, e com gestos que demonstravam arrogância e prepotência, o homem mandou-a entrar,

mente lembrou-se da conversa que tivera com **Nhinna** e da recomendação: “*telefona se precisares de alguma coisa*”. Ligou para o número que ela recomendara usar de preferência e logo a seguir ouviu uma mensagem gravada a dizer que não tinha crédito tivesse iria até onde fosse necessário para procurá-la e pedir ajuda.

diferença de que antes de desconectar automaticamente, tinha tocado uma ou duas vezes o número. **Nhinna** receber um aviso de tentativa abortada de conexão. E se isso acontecesse, ela a chamaria com certeza. Deitou-se a alimentar aquela esperança.

E ao alvorecer, ainda estava a imaginar como enfrentar o dia, provou-se que tinha tido de contentamento.

Nã palhação e ouviu do outro lado a voz inconfundível de **Nhinna**. O que agradou sobremaneira a **Hicka**. O seu coração encheu-se de alegria e ela mani-

Nhinna pedir, surpreendeu-a indo mais longe, dizendo, num tom pleno de afeição: “*beijinhos, minha querida priminha*”.

si bu diãna é sabi, mandurgada ki bu ta sintil.”

À hora marcada, **Nhinna** chegou e estacionou o carro. **Hicka** já lá estava e não **Hicka** feito menção ao encontro com **Gundoh** e a grande desilusão que tivera. Depois de colocar uma série de perguntas de esclarecimento, **Nhinna** fez alguns telefonemas, ram-se com beijinhos.

VOZ 1

Nesse dia **Hicka** mãe e transmitiu esse estado de espírito. Depois conversou igualmente com a mãe de **Etibene**. Desculpou-se pelo longo silêncio e garantiu que tudo estava bem, com ela e terrogou-se se agira correctamente, pois Halanan, a mãe do seu namorado, deixara trans-

parecer de forma inequívoca que duvidava da informação. Era fundamental não beliscar

Cena 12

Eine kleine rote Blume

VOZ 4

Gundoh estava sentado a uma mesa na zona menos iluminada da esplanada com dois copos e uma garrafa de água à frente fazia algum tempo. Entretinha-se com um jogo electrónico no telemóvel.

E para o outro. Na agência tinham-lhe mostrado fugazmente uma foto da pessoa, sem a zona mais escurificada onde estava um cliente solitário. Quando chegou junto dele, saudou-o brevemente e deixou cair sobre a mesa o bloco de notas que tinha na mão.

O Gundoh: - C ó ?

E : - E ¹². B
Gundoh: - Não te disseram que não gosto de esperar?

Etibene: - A ç ã ã
muito a localizar...

G ç f
inspeccionou o bloco de notas, no interior do qual encontrou um papelinho que tinha o aspecto de recibo. Levou tempo mais do que normal a analisar o conteúdo.

Gundoh: - E o resto?

Etibene: - J á

Gundoh: - E o resto?

Etibene: - Há a promessa de...

Gundoh: - Stop! – ordenou Gundoh com uma brusquidão que surpreendeu e confundiu o seu interlocutor. – Promessa é palavra que não existe no meu dicionário...

Etibene: - T f . . .

Gundoh: - Podes ter mil...

Etibene procurou acomodar-se melhor na cadeira. Durante uns momentos olhou com desespero para Gundoh e falou num tom que denotava algum desespero.

Etibene: - Não estou a perceber... juro que não estou a entender nada.

Gundoh: - Nem tão-pouco eu... e sabes que mais? Não tenho tempo a perder.

A f ç ã Etibene e que transparecia claramente na face, deu os lábios com força. Na dor pareceu ter encontrado a coragem para contrariar as intenções evidentes de Gundoh. com coragem.

Etibene: - Disseram-me que o senhor atenderia o meu pedido, pondo o processo em andamento enquanto eu for juntando o dinheiro que falta. Garantiram-me que o senhor iria endossar o meu processo, que agilizaria as coisas...

Gundoh: - E é

Etibene: - P f ê ?

Gundoh: - T ã á E

Etibene: - A ú à longe daqui.

Gundoh: - A é ? E é ã outro lado do mundo? Se calhar deves mesmo estar a pensar que isso é como naquelas brincadeiras: fechas os olhos, carregas num botão e... no momento seguinte, quando algo mais... mais quente?

Etibene: - Água está bem... Não bebo vinho.

Gundoh: - Quem te mandou vir ter comigo fez um erro. E eu vou tentar corrigir esse

Etibene: - Já lhe disse de que ajuda preciso... Se puser o visto no meu passaporte

Gundoh: - É U é

Etibene: - O é ? N ã ... P ô erro? Será que estamos a falar da mesma coisa?

Gundoh: - O erro é pensar que com o visto no teu passaporte resolvem-se todos os teus problemas. Olha bem para mim, larga este telemóvel e olha para aqui, para os meus olhos. Estás a ver alguma coisa?

Etibene f Gundoh,

Etibene: - Quer meter-me medo, é isso? – perguntou num tom seco, abanando lençóis um mal-entendido bem grande... Sim, só pode ser isso. Pois repare que a ajuda que eu quero, e pela qual estou disposto a pagar, é uma coisa bem simples e concreta. Parece ter aquilo que quero, que me trouxe até si e deixe o resto comigo... Por favor!

Cena 13

Os mortos também falam

VOZ 3

Quando se separou de **Gundoh**, **Etibene** tinha sérias dúvidas sobre a utilidade da agência e o papel de **Gundoh** no processo. Não entendia porque insistia tanto em per-

guma coisa não estava a bater certo, e decidiu investigar. Foi ter com a pessoa que lhe

mas estava disposto e tentar uma outra saída e recomeçar do zero se lhe dessem ga-

além dos constrangimentos todos que tinha, ainda havia **Hicka** a querer imiscuir-se,

VOZ 2

Por insistência do amigo que lhe recomendara o serviço da agência, teve um novo encontro com **Gundoh**. Foi disposto a tudo, excepto aturar o discurso que caracterizou de paternalista e demagógico de **Gundoh**. Deixou isso claro desde o primeiro momen-

pele qual já tinha pago um valor considerável, o homem insistisse em coisas fora do contexto e totalmente descabidas.

VOZ 4

Depois dos rituais iniciais, incluindo o fornecimento de um código secreto numa língua que desconhecia, a conversa começou num ambiente de pouca gentileza. **Gundoh**

lições de vida, mas que ele **Etibene** dispensava, não deixando muita margem para entendimento. Perdida a paciência e a esperança, quase à beira da desistência, **Etibene** decidiu fechar-se, deixando **Gundoh** a pregar no deserto.

Gundoh: - E á , á ã que é que vais fazer lá fora? O que é que queres lá que não consegues ter cá? – perguntou Gundoh como se tivesse como único propósito daquele dia aborrecer Etibene.

V **Etibene** quis dizer-lhe “vai à merda!” alto e bom som M

A , ã para **Gundoh**.

Etibene: - D f ó ã . . .

no seu interlocutor. – Não, não é nenhum mal-entendido, não, é mesmo um erro.

Gundoh: - Nem uma coisa nem outra..

Etibene: - Então o senhor quer que seja eu a dizer-lhe o que toda a gente sabe? Já se interrogou alguma vez, por acaso, por que algumas pessoas escolhem esta via e outras

A
? S
A
? A kamikazes? ã

Gundoh: - Não, não são kamikazes...

Etibene: - Então já tem a resposta à sua pergunta. Por isso, por favor, responda agora
à : ô
E f - f
é - É - f
ã . . . V ô

Em vez de fornecer a resposta exigida, **Gundoh** limitou-se a pedir mais uma garrafa

á B
V **Etibene** e falou com toda a naturalidade:

Gundoh: - V -
supus no outro dia. Quantos anos tens?

Etibene achou ridículo e provocativo o modo como **Gundoh** pronunciou as pala-
E
que poderia levar **Gundoh** a caracterizá-lo daquela maneira e chegou à conclusão
que só podia ser provocação. Lembrou-se naquele momento de uma coisa em que a
mãe insistia sempre: "não reajas nunca a uma provocação". Decidiu então ser mesmo
C
embelezada com um sorriso:

Etibene: - Qual achas ser a minha idade?

Gundoh: - A

Etibene: - Exactamente! Só que essa coisa certa não pode acontecer aqui. Por isso...

Gundoh: - P
dizer-te uma outra coisa, muito importante: tu és um moço interessante, bastante in-
é G . . . M

Etibene não entendeu como o conseguiu, mas encontrou motivação suficiente
para ampliar o sorriso. Fitou **Gundoh**
preendeu **Gundoh**, que de repente se fez sério e atento ao que o seu interlocutor teria
T
vez, **Etibene** manteve-se calado a coçar a cabeça.

Etibene: - O é ? Q
num tom carregado de ironia, continuando a tratá-lo por tu, balançando continuamente
a cabeça. – Um truque velho, esse...

Gundoh: - E f ç
sabias? Estás a ver fantasmas em tudo quanto é lado...

Etibene: - N ã f

não saibas...

Gundoh: - D
tendo provocado em **Etibene** uma mudança súbita de feições. **Gundoh** apercebeu-se

do facto e, prevendo o pior, tentou acalmá-lo, acrescentando num tom suave.

Gundoh: - Fala-me um pouco de ti.

Etibene respirou fundo e manteve-se em silêncio. Sentia de novo o desejo de aca-

M
le conselho da mãe de não reagir a provocações.

Etibene: - Se achas que eu não entendo nada da vida, fala-me tu da tua.

Gundoh: - Quanto é que pagas? Sim, isso tem um custo adicional, não está incluído no pacote que pagaste para esta consulta...

Etibene: - Estás a ver? Disseste há bocado que eu vejo fantasmas em todo o lado, mas tu vês dinheiro em tudo...

Gundoh: - Queres ou não queres emigrar?

Etibene - de tudo o que fez, o dinheiro que pagou, a papelada que juntou, as voltas que deu... depois de tudo isso ainda houvesse quem duvidasse da sua intenção de emigrar?

O olhar e o silêncio de **Etibene** devem ter levado **Gundoh** a mudar de atitude.
A **Etibene.** C
cou-lhe a mão no ombro e falou num tom reconciliador.

Gundoh: - Sabes, quando saí daqui tinha quase a tua idade... Foram várias tentativas, ? A

M

Etibene: - Fã é Mã

Gundoh: - Não fui tão longe... Não consegui atravessar o deserto. Não consegui isso, mas consegui outra coisa... Quer dizer, voltei atrás para ir mais longe... e para chegar onde queria chegar.

Etibene: - Foste, voltaste... Foste de novo e voltaste. O que aconteceu?

Gundoh: - É

Etibene começou a mostrar-se aliviado, revelando maior atenção e interesse na conversa.

Etibene: - Querias, posso acreditar, mas na realidade não disseste nada... Desde o nosso primeiro encontro que não tens feito outra coisa que não seja tentar dissuadir-
- L á ã í

Gundoh sorriu e bateu ao de leve no ombro de **Etibene**.

Gundoh: - Sabes porque é que toda a gente me tem como referência? Pergunta àquela pessoa que te mandou vir ter comigo...

Etibene: - É ã
não te ajudas a ti?

Gundoh: - Aí á
sim, podemos conversar como adultos...

Etibene encolheu os ombros e fez com a mão um sinal de convite para **Gundoh** continuar, convite que não foi correspondido.

Etibene: - Então podes responder à minha pergunta? Se toda a gente quer partir daqui, e tu tens meios para lá chegar, porque continuas atolado nesta lama?

Gundoh: - Se isto aqui é lama, eu vi o inferno no outro lado...

Etibene: - Na Europa?

Gundoh: - Sim, no centro da Europa.

Etibene: - O E ? -
centro da Europa?

Gundoh: - O - G
V -
zona lombar. Depois virou-se para o lado contrário.

Etibene reteve a respiração, virou a cara para o lado oposto e quase que gritou.

Etibene: - Não, pára! Não quero ver!

Gundoh: - Sacaram-me os órgãos... um a seguir ao outro... o rim foi o primeiro... – disse Gundoh com uma calma que roçava a indiferença. Era como se estivesse a falar de outra pessoa.

Etibene: - Não é possível! Não, não é possível! – exclamou Etibene, sacudindo a cabeça

Gundoh: - É çã

Etibene: - Ninguém, mas mesmo ninguém fala disso...

Gundoh: - Os mortos *também* falam.

Cena 14

Reconfigurações

VOZ 1

Depois de uma longa e tortuosa caminhada em que a solidão, a angústia e a desesperança foram os principais traços do seu quotidiano, **Halanan** sentia-se como que ressuscitada para a vida. Uma vida isenta dos traumas do passado, imune aos recorrentes pesadelos que impiedosamente a arrastavam para uma existência monótona, sem calor, sem alegria, totalmente isenta de emoções. De repente, tudo parecia virar do avesso, a vida adquirindo fulgor, evocando sentimentos profundos, suscitando desejos ousados, moldando um multifacetado horizonte, feito de cores e dimensões que

Sem se dar conta, **Halanan** ganhara a coragem de imaginar situações e sensações inusitadas, estados de espírito e condições que até recentemente não passavam de juízos abstractos, distantes da alma, divorciados da realidade..

VOZ 2

À

A

soavam mais alegres e vibrantes, o vento trazia frescura e aromas que faziam o seu coração palpitar com mais vivacidade. **Halanan** reencontrara-se.

O seu pensamento foi sendo monopolizado pelos momentos passados com **Aseweh** ou com imaginações do que poderiam ser os seguintes. E tão absorvida estava com

neto a caminho; que tinha um pai a conquistar, e um irmão... sim, tinha um irmão a ajudar a reabilitar, a trazer para perto de si.

Respirou fundo e abriu os braços. O seu rosto inundou-se de contentamento. Susteve a respiração e **olhou para o céu. Viu o sol a brilhar como nunca antes.** Deu-lhe vontade de gritar, saltar, dançar. Queria exteriorizar tudo o que sentia ferver dentro de si, fazer toda a gente entender que ela, aquela mulher que alguns achavam demasiado complexada e arrogante, e outros tomavam por exageradamente tímida e introvertida, agora essa mulher era simplesmente uma mulher feliz. Uma mulher que também tinha uma família inteira a cuidar, de um irmão em particular.

VOZ 3

C

ê

se encontrava compenetrada na sua lista de novos afazeres e compromissos familia-

I

M

A

çã

Nã

estava a chamar como era seu hábito. Encheu-se de alegria quando ouviu a voz de **João,**

atenção a resposta:

João:

-

M

? N

...

V

Não conseguiu conter as lágrimas quando viu o irmão sair de um carro cheio de pó à
rosto não lhe era totalmente desconhecido.

Okís: - B

... E

afastando-se apressado, ignorando os sinais de Halanan para se aproximar.

A

Halanan e João. Foram extensas horas de di-

álogo, intercalado por momentos esporádicos de choro e de manifestações de afecto.

e de infortúnio com uma clarividência e espontaneidade que impressionavam. Ne-

nhum deles quis omitir o que quer que fosse, tendo **Halanan** concluído com um con-

vite ao irmão. Um convite que nele veio a ter uma repercussão determinante na sua

Passada uma noite praticamente em branco, os gémeos partiram cedo, logo depois

de atenderem **Ntchangá** e **Djiba**, que sob o pretexto de oferecerem um mata-bicho à

altura ao hóspede de que toda a gente falava, quiseram conhecer de perto o notável

irmão da professora **Halanan**, cujos atributos e virtudes **Okís** se encarregara de fazer

chegar aos quatro cantos.

O destino era Nhoma, a tabanca onde **Halanan** passou a sua infância e adolescência, onde ocorreram os momentos mais trágicos da sua vida, onde as adversidades da vida de mininu di kriason se avivavam cada vez que por lá passava.

VOZ 4

Decidida a abraçar uma nova vida, era obrigatório que **Halanan** esconjurasse essa fase do seu passado e todos os pesadelos a ela associados, criando espaço para a bela

de memória, da casa onde fora acolhida ao poço onde todos os dias ia buscar água, passando pela missão onde aprendera a ler e a escrever e outras habilidades com a **Irmã Maria**.

f **Etibene** e o martírio que fora a partir daquele momento a vida de mãe solteira. Inesperadamente, **o céu cobriu-se de espessas nuvens, anunciando um temporal.**

João caminho do carro **Halanan** mou com convicção:

Halanan: - Há que ter fé num dia de sol mesmo quando as nuvens ameaçam escondê-lo e não deixam passar um só raio.

A **ó** **Halanan** olhou para **João**, e sorriu. Pela primeira vez em décadas atravessara Nhoma sem ressentimentos, com o coração a jorrar de felicidade. Parecendo partilhar o sentimento, **João** retribuiu o sorriso e passou um envelope à irmã.

João: - Eu e Flor decidimos que... tu vais ser a nossa madrinha.

Halanan: - Impossível! – exclamou Halanan prontamente, causando surpresa a mesmo dia...

Sorrindo, João tirou do bolso um outro envelope com um outro convite.

João: - é é f K é ? T ...

Halanan: - O ã ... que... que queria que fosse Kombé a nossa madrinha, mas pelos vistos...

João: - Sabes o que é? – interrompeu João, mas calando-se a seguir como se se futuro sogro também... todos pediram que não te dissesse nada ainda.

Halanan: - M ...

VOZ 1

João fez um sinal com o indicador sobre os lábios para a irmã se calar. Estando já pró-

Kombé, longe de imaginar que os planos dela eram outros.

Halanan: - S é é A ? a **Okís**. – Deixa-me lá, por favor.

VOZ 2

O resto do percurso foi feito em silêncio. **O sol já tinha caído** e o movimento de pessoas, viaturas e animais tornava-se cada vez mais caótico. Quando chegaram à casa de **Aseweh**, **Okís** saiu apressado para ir tocar à campainha. **Aseweh** apareceu de calções, a caminhar lentamente, mas logo que reconheceu **Halanan** - se a recebê-la nos seus braços, mas desistiu ao ver **João**.

João a entrar, mas este escusou-se, alegando um motivo que nem **Aseweh**, menos ainda **Halanan** entendeu, partindo de imediato. Já na sala, **Aseweh** abraçou e beijou **Halanan** longa e apaixonadamente. Dormiram tarde e acordaram cedo.

Halanan: - O meu irmão disse-me que... que havia algo de inédito que está para acontecer.

Halanan telefonou a **Kombé** cedo, anunciando a chegada e o desejo de encontrá-la. Esta ainda quis fazer comentários engraçados e piadas maldosas ao seu jeito

Halanan não deu espaço. Pouco tempo depois, **Kombé** surgiu na companhia de **Tio Mandjan**. O no que via. Fez um sinal a **Aseweh** para se aproximar e passando-lhe o braço pelo ombro, apontou para o novo mobiliário que havia na sala.

Tio Mandjan: - É abraçando-a e beijando-a na testa, ignorando a expressão de constrangimento bem deve ser e depois...

Aseweh: - E ... - à ... - é? - S - junto de **Halanan** e falando-lhe ao ouvido, disse: - Desculpa não te ter dito nada antes...

Tio Mandjan: - M ... ? E é ? O é

Aseweh: - V C ó ...

Kombé: - O quê? - perguntou de sobressalto **Kombé**. Dirigindo-se ao homem-grande, acrescentou: - Disso eu não sabia nada, juro.

Tio Mandjan para **Kombé** e falou num tom moderado:

Tio Mandjan: - Deixemos este assunto de lado e tratemos do outro, o comício. Já para **Halanan**

E ó, f é **Halanan** cozinhava fora da sua casa e, brincando, confessou-o a **Kombé**.

VOZ 1

Nos dias seguintes **Halanan** continuou a participar na preparação de refeições, Só no dia do grande comício de **Kombé** é que ela se viu arredada da cozinha. Nesse dia saiu cedo de casa e na companhia de **João** e dois outros colegas de **Kombé** manhã e início da tarde a ensaiar o discurso. O irmão exigia perfeição,

f

Cena 15

No céu passou a brilhar uma nova estrela

VOZ 1

O esforço veio a revelar-se recompensador. **Halanan** perdeu de vez o medo de falar em público, dantes tido como um eterno constrangimento, uma inabilidade insupe-

da actualidade, perspectivando um futuro próspero para toda a nação, que apelidou de gloriosa nação africana forjada na luta. Fez tudo exactamente como lhe tinha sido recomendado nos ensaios

Os participantes do comício, particularmente os mais jovens, adoravam o que viam e ouviam, chegando ao ponto de exigir, por duas ocasiões, que ela voltasse ao palco para entoar um refrão do hino nacional que introduzira no meio do improviso. O encontro ainda não acabara e muitos já acreditavam que sendo todos "ramos do mesmo tronco, com os olhos na mesma luz, vamos construir na pátria imortal a paz e o progresso".

Tio Mandjan em primeira linha, não conseguiram conter as lágrimas. **No céu brilhava uma nova estrela,**

ç í , è

VOZ 2

Durante dias seguidos não se falou de outra coisa. O discurso improvisado de **Halanan** foi explorado até à exaustão pelos órgãos de comunicação social, excepção feita dos públicos. Na íntegra ou em excertos, o discurso foi disponibilizado nas redes sociais, merecendo os mais variados comentários. Nestes houve até quem reconhecesse em **Halanan** a encarnação de um líder lendário que no passado galvanizara o povo para a epopeia da libertação do jugo colonial. E disso nasceu uma iniciativa inédita, com que certamente poucos contavam. Jovens oriundos de várias localidades, da capital e do interior, envia-

ç ã C ó **Halanan.**

VOZ COLECTIVA

Professora: nós queremos as pessoas certas nos lugares certos. Queremos deputados que saibam fazer leis; queremos políticos que ponham os interesses do país acima dos seus; queremos juízes que tenham juízo e sentido de justiça; queremos governantes e militares que tenham amor à pátria... E queremos um futuro para nós. Por tudo isso, queremos a professora Halanan na presidência!

VOZ 3

Impressionada com a determinação que viu nos rostos e na atitude daquela juventude,

Halanan à çã que tinha implicações profundas, disse ela, precisava de consultar a família. Os jovens aceitaram o argumento, acrescentando no entanto que havendo urgência devido à ram nas imediações do campo de futebol, onde se reuniam, se entretinham e dormiam em tendas improvisadas. De manhã faziam trabalho voluntário de limpeza no hospital povoações periféricas. Quando viu desembarcar em massa raparigas e rapazes vindos de outras regiões, **Halanan** cedeu à pressão, que entretanto também vinha sendo feita vistas sobre a eventual candidatura de **Halanan** das pelos quatro cantos do mundo através das rádios comunitárias e das redes sociais.

VOZ 4

Cio da resposta de **Halanan**, que tinha sido combinado com os líderes juvenis ser um evento singelo, num acto solene, de lançamento da sua candidatura à presidência. Fez vir **Tio Mandjan** **Mamasabel**, que se fez acompanhar de **Nhinna** e **Gundoh**, para além de **Nhelen**, a generosa mulher-grande que cuidara de **Halanan** em Nhoma. teres, até de políticos.

VOZ 1

Foram muitos os intervenientes até chegar a vez de **Halanan**. **Mamasabel** e **Tio Mandjan**, avançou para o centro do palco improvisado com o microfone na mão e de cabeça erguida. Foi efusivamente aplaudida antes de dizer uma palavra. **Halanan**: Durante mais de vinte anos tenho aprendido com os meus alunos uma coisa

questionar... Eu aprendi a questionar... e hoje, agora, neste preciso momento, tenho algumas perguntas para vocês... Estão dispostos a dar a resposta? – ouviu-se um coro de **Halanan** sorriu, demonstrando um à vontade no palco como se estivesse numa sala de aula. – Primeira questão: *kin ki ten tera*¹³? Repito: *kin ki ten tera*?

V A *anós ki ten tera*¹⁴. Sempre sorrindo, **Halanan** lançou a segunda pergunta:

Halanan: - *Ba kin ki na kumpul*¹⁵?

V A *anos ki na kumpul*¹⁶.

Falou do restabelecimento da crença num advir de paz, progresso e fraternidade, com toda a naturalidade e desenvoltura, inculcando comprometimento, integridade e op-

1 De quem é o país?

1 O país é nosso

1 Quem vai construir o país?

1 Nós é que vamos construí-lo

E

çã

F

M

é

perimentados de outras paragens, ela conseguia captar a atenção e criar um ambiente de euforia que nenhum dos seus próximos jamais a imaginara capaz.

VOZ 2

Durante um bom tempo, **Halanan** esteve em palco, não por vontade própria, antes para satisfazer as exigências dos jovens que queriam continuar a ouvi-la.

Enquanto os mais novos se exaltavam e faziam tumultos com o que ouviam de **Halanan**, as mesmas mensagens causavam efeitos diferentes entre os mais idosos, particularmente aqueles que no passado protagonizaram a epopeia da libertação. Sentados na parte traseira do palco, assistindo a tudo em silêncio, trocavam regularmente sorrisos, apertos de mão e outras expressões de contentamento e manifestações de júbilo.

Pouco antes de **Halanan** terminar a sua intervenção,

VOZ 4

Dias depois do comício, **Halanan** uma comitiva de jovens para formalizar a sua candidatura às eleições presidenciais.

Durante todo o período em que decorreu a campanha eleitoral, **Halanan** não dormiu dois dias seguidos na mesma localidade. Percorreu todo o país, visitou lugares no continente e nas ilhas onde nunca antes tinha posto os pés ou de que raramente

transmitindo a certeza de um futuro mais risonho, de paz e progresso, tal como tinha

O ú í C ó, **Halanan** não teve chance nem necessidade de falar. Os jovens e os veteranos monopolizaram a palavra. Depois foram os djidius que entraram em cena para acabar com os discursos

O í f ã T muito cedo da casa de **Ntchangá**, **Tio Mandjan** anunciou o matrimónio para uma semana depois da tomada de posse de **Halanan**.

Cena 16

Requiem de Lugadjol

VOZ 1

Na noite seguinte, após a conclusão do pleito eleitoral e consagração de **Halanan**, **Mamasabel** desapareceu sem deixar rasto.

Em vez do habitual cantar do galo, o que se ouviu naquela madrugada foi uma que escutara pela última vez na madrugada do dia da proclamação da independência nacional, genialmente interpretado por um bando de orgulhosos pássaros.

Sem que tenham sido convocadas, e sem concertação prévia, um grupo de mulheres-grandes aglomerou-se na varanda da casa, precipitando-se depois para o quarto de **Mamasabel**.

No centro da cama onde **Mamasabel** dormia estava uma pasta de couro de lagarto,

encontraram várias imagens em telas de tecido. Eram imagens representativas de objectos esféricos, dourados e de tamanhos diferentes, uns mais cintilantes que outros. Debaixo dessa pasta estava uma outra, menor em tamanho mas mais requintada. No seu interior havia um único envelope, lacrado, com um conteúdo que se assemelhava a documentos em papel. No centro da capa desse envelope estava estampado um símbolo abstracto e imponente, tendo em seu torno caracteres ilegíveis, mas que alguém mais tarde veio a decifrar como sendo o nome de **Halanan**.

VOZ 2

A
que se alastrou rapidamente por todo o país, ganhando credibilidade crescente com
M

Mamasabel surgia no céu, a caminhar ao lado de um grupo de *mindjeris di panu pretu*¹⁷, de entre as quais se destacava **Brinsan, a mãe de Halanan** e **João**. C

levantados, cantavam preces e enalteciam a acção dos que iam tornando o país naquela *nação africana forjada na luta* de que todos os africanos se orgulhavam. Uma constatação que se assumia inequívoca, b e f a e e b

à c a d d e e h e f h .

2ª VERSÃO CÉNICA DE ANABELA MENDES

A. M.

17.6.2025

17 M

e referente às viúvas dos combatentes e dos opositores ao regime colonial